



**ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO TRANSCULTURAL DA MEDIDA INTEGRADA DE
INDEPENDÊNCIA DECISÓRIA PARA ADOLESCENTES**

Daniela Bergesch D'Incao

Dissertação de Mestrado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre/RS

Fevereiro, 2015

**ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO TRANSCULTURAL DA MEDIDA INTEGRADA DE
INDEPENDÊNCIA DECISÓRIA**

Daniela Bergesch D’Incao

**Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Psicologia sob orientação do professor Claudio Simon Hutz**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre/RS

Fevereiro, 2015

Agradecimentos

O aprendizado nunca se faz só. Gostaria de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente estiveram presentes Nessa jornada intensa e extremamente frutífera que foi todo o caminho de elaboração dessa dissertação. Em primeiro lugar sou muito grata a meus pais, por todo o apoio e incentivo, desde a infância até os dias de hoje, na minha busca pelo conhecimento e desenvolvimento. Também não posso deixar de lembrar da minha querida avó Léa por ter sempre me estimulado no gosto pela leitura e pelo conhecimento.

Obrigada ao professor Cláudio e todo o grupo do Laboratório de Mensuração pela presença e por todas as trocas que, acreditem, foi o que de mais rico houve Nessa jornada. Gostaria de fazer um agradecimento especial à professora Claudia Giacomoni que, nesses fortuitos encontros que a vida proporciona, permitiu a minha primeira experiência com pesquisa e também foi minha grande incentivadora no mestrado.

Além disso, obrigada a todos os amigos pela presença leve e alegre em todos os momentos, tornando a estrada da vida muito mais prazerosa. Acima de tudo, obrigado a Deus por todas as ricas oportunidades de aprendizagem e conhecimento.

SUMÁRIO

Lista de tabelas	06
Lista de figuras	07
Resumo	08
Abstract	09
Capítulo I: Apresentação da Dissertação	10
Introdução	10
Justificativa	11
Objetivo Geral	14
Objetivo Específico	14
Estrutura da Dissertação	14
Referências	16
Capítulo II: Sobre a Teoria da Autodeterminação: satisfação das necessidades básicas de autonomia, relação e competência no curso do desenvolvimento	19
Resumo	20
Abstract	21
Introdução	22
Teoria da Autodeterminação	23
Contextos Sociais e Necessidades Básicas	24
Motivação	26
Satisfação das Necessidades e as Consequências no Desenvolvimento	30
Considerações Finais	33
Referências	35
Capítulo III: Adaptação transcultural da medida integrada de independência decisória para adolescentes	39
Resumo	40
Abstract	41
Introdução	42
Motivação e Autonomia	43
Estilos Parentais	46
Autoestima.....	48

Independência Decisória e Autonomia	48
Apresentação da Medida	49
Adaptação Transcultural da Medida Integrada de Independência Decisória para Adolescentes (MIIDA).....	50
Método	51
Resultados	53
Discussão	59
Considerações Finais	64
Referências	65
Capítulo IV: Considerações Finais	71
Anexos	73
Anexo A. Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - Pais.....	74
Anexo B. Termos de Assentimento do Adolescente	75
Anexo C. Termo de Consentimento da Escola	76
Anexo D. Parecer do Comitê de Ética.....	77
Anexo E. Questionário de Dados Sócio-demográficos	80
Anexo F. Medida Integrada de Independência Decisória	82

LISTA DE TABELAS

Capítulo III

Tabela 1. Cargas fatoriais e alfas de Cronbach – Quem decide	54
Tabela 2. Cargas fatoriais e alfas de Cronbach dos itens - Independência Decisória	55
Tabela 2. Cargas fatoriais e alfas de Cronbach dos itens - Dependência Decisória	56
Tabela 4. Valores dos coeficientes de regressão para tomada de decisão independente por motivação externa	58

LISTA DE FIGURAS

Capítulo II

Figura 1. *Continuum* motivacional: tipos de motivação e de regulação..... 29

Capítulo III

Figura 1. Scree Plot – Quem decide..... 54

Figura 2. Scree Plot – Independência Decisória 55

Figura 3. Scree Plot – Dependência Decisória 56

RESUMO

A presente dissertação de mestrado objetivou a adaptação transcultural para o Português Brasileiro da Medida Integrada de Independência Decisória para Adolescentes (MIIDA). Esta foi desenvolvida por pesquisadores da Bélgica, constitui-se de três subescalas que avaliam a tomada de decisão dependente e independente, com base nos preceitos da Teoria da Autodeterminação (TAD). O estudo de validação contou com uma amostra de 672 adolescentes (52,7% meninas), de 11 a 20 anos ($M=15,6$; $DP=1,6$), estudantes de escolas da rede pública de Porto Alegre (RS). Após análises a estrutura do instrumento mostrou-se consistente de acordo com a medida original, apresentando uma solução de dois fatores para as três subescalas: Quem decide, independência decisória e dependência decisória. Além disso, foram realizadas análises de correlação com a escala de Autoestima de Rosenberg (1965) e com a escala de Estilos Parentais (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004) com intuito de verificar a validade de construto da MIIDA. Os resultados demonstraram que a MIIDA apresenta boas propriedades psicométricas e evidências de validade e fidedignidade, sendo um instrumento útil para avaliar a independência decisória em termos de motivação para a tomada de decisão.

Palavras-Chave: Independência decisória, adolescência, autonomia, teoria da autodeterminação

ABSTRACT

This master's thesis made the cultural adaptation to Brazilian Portuguese of the Integrated Measure of Decisional Independence for Adolescents. It is based on the precepts of Self-Determination Theory and consists of three subscales that assess the dependent and independent decision-making. The validation study included a sample of 672 adolescents (52.7 % female) , 11-20 years ($M = 15.6$, $SD = 1.6$), attending public schools in Porto Alegre, Brazil. Factorial analyses indicated a two-factor solution for the three subscales: Who decides, independent and dependent decision-making. The results pointed out for good psychometric properties and evidence of validity and reliability, being a useful tool to evaluate the decision-making independence regarding motivation for decision-making.

Keywords: Decision-making, adolescence, autonomy, self-determination theory

CAPÍTULO I

APRESENTAÇÃO

O objetivo dessa dissertação de mestrado foi a realização da adaptação transcultural da Medida Integrada de Independência Decisória para Adolescentes (MIIDA), desenvolvida por Petegem, Beyers, Vansteenskiste e Soenens (2012), para o Português Brasileiro. Esta avalia como os adolescentes decidem, seja nas decisões próprias ou ao acatar a decisão parental. Para tanto avalia o tipo de motivação que está por trás do comportamento e se esta leva a uma conduta mais ou menos autônoma.

A autonomia é considerada um marco do desenvolvimento durante a adolescência e, apesar de ser um tema relevante no curso do desenvolvimento, no Brasil ainda há uma escassa produção científica sobre este tema. Além disso, as produções prévias contemplam uma população pouco representativa a nível nacional (Barbosa & Wagner, 2013). Existem instrumentos que se propõem a medir autonomia como, por exemplo, o “Questionário de Autonomia” (Noom, 1999) adaptado por Reichert e Wagner (2007). Entretanto, este último avalia este construto em termos de autonomia atitudinal, emocional e funcional, e não em termos de motivação para o comportamento. Sendo assim, a adaptação da Medida Integrada de Independência Decisória para Adolescentes visa preencher uma lacuna no Brasil de estudos sobre este construto, bem como de instrumentos que avaliem o desenvolvimento da autonomia na adolescência em termos de motivação. Nesse sentido, permite esclarecer este conceito descolando-o da ideia de independência.

Especialmente nas sociedades ocidentais, o incremento da autonomia marca e caracteriza o período da adolescência. Apesar de autores da Psicologia reconhecerem a

importância dessa aquisição, ainda há divergência acerca da definição deste construto (Barbosa & Wagner, 2013). Existe uma corrente de teóricos como, por exemplo, Anna Freud (1958) e Blos (1996), que explicam a autonomia em termos de independência. Conforme estes autores, os conflitos e o afastamento dos adolescentes de seus pais seriam relativamente normais e necessários para o desenvolvimento da independência. Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que o comportamento autônomo seria a separação e individuação das figuras parentais. Corroborando esta ideia, Aberastury e Knobel (1981) referem “síndrome da adolescência normal”, quando uma das principais tarefas constitui-se no afastamento e independência dos pais e aproximação e dependência dos pares.

Porém, existem diversos estudos apontando evidências de que há uma associação entre autonomia/independência, entendidas como afastamento dos pais, e desfechos negativos como, por exemplo, o desenvolvimento de uma autoimagem negativa (Ryan & Lynch, 1989), baixo rendimento escolar (Ryan, Stiller & Lynch, 1994), delinquência (Allen, Marsh, McFarland, McElhaney, Land, Jodl & Peck, 2002), conflitos intrafamiliares (Beyers, Goossens, Vansant & Moors, 2003), *acting out* (Grolnick & Ryan, 1989), entre outros. Um dos motivos que pode estar explicando estes achados é a confusão entre os termos autonomia e independência.

A teoria da autodeterminação (TAD) propõe uma definição que considera como autônomo todo o comportamento auto-endossado e volitivo. Ou seja, o indivíduo age conforme seus interesses e valores (Deci & Ryan, 1985) e, sob esta perspectiva o oposto de autonomia não é a dependência, mas sim a heteronomia. Por isso, um adolescente pode decidir por si mesmo, quando é motivado por algo de seu interesse e de acordo com seus valores. Igualmente, em situações as quais não se sente apto a tomar uma decisão, acata a determinação parental como se fosse a sua, porque julga que Nessa situação é o mais adequado.

Conforme a TAD, para agir de forma autodeterminada é fundamental que as necessidades de autonomia, relação e competência sejam atendidas (Ryan & Deci, 2000). A necessidade de autonomia seria um funcionamento auto-endossado e volitivo; a relação seria a necessidade de sentir-se pertencente a algum grupo. A competência, por sua vez, se caracterizaria pelo sentimento de efetividade nas interações com o ambiente social, exercitando e expressando as próprias capacidades. Nesse sentido, a autonomia não se constitui em separado das relações interpessoais e a propensão à saúde aumenta na medida em que há um bom suporte e qualidade na relação entre o indivíduo e a família (Ryan & Deci, 2002).

Existe uma variedade de estudos que referem os benefícios entre a boa relação entre pais e filhos, apontando para desfechos positivos, tais como melhor ajustamento e desempenho escolar (Grolnick & Ryan, 1989), melhor autoestima e integração da identidade (Ryan, Stiller & Lynch, 1989) e bom funcionamento psicossocial (Soenens, Vansteenkiste, Lens, Luyckx, Goosens, Beyers & Ryan, 2007; Cumsille, Darling & Martínez, 2010).

Uma das formas mais aparentes de comportamento autônomo na adolescência se dá através de como os adolescentes decidem sobre os mais variados aspectos nas suas vidas (Steinberg, 1999). A medida integrada de Petegem e colaboradores utilizada para o presente estudo conta com a adaptação de dois instrumentos: A *Family Decision Making Scale* (FDMS; Dornbusch et. al., 1985) e a versão adaptada do *Self-Regulation Questionnaire* (SRQ; Ryan & Connel, 1989). Através dessa medida é possível acessar quem é responsável na tomada de decisão: se são os adolescentes, estes com a ajuda dos pais ou os pais. Verifica igualmente sobre qual o tipo de motivação que está por detrás da tomada de decisão independente ou dependente, se a motivação é mais ou menos autodeterminada.

Justificativa

O objetivo principal deste estudo é a adaptação transcultural da Medida Integrada de Independência Decisória para Adolescentes, visando com isto preencher uma lacuna nacional na avaliação e no estudo da autonomia. Este estudo procura desmistificar a ideia de que o adolescente ser autônomo é sinônimo de separação dos pais/família. Nesse sentido, pode indicar que relações que envolvem proximidade com a família são preditoras de saúde.

Estudos apontam para a importância em diferenciar a autonomia em termos de independência/dependência e auto-endosso/controle (Ryan & Deci, 2006; Vansteenkiste, Zhou, Lens & Soenens, 2005). Conforme a definição de autonomia da TAD, esta operaria de acordo com o desejo e os valores do indivíduo (Ryan & Deci, 2002) e diferentes motivos orientam as escolhas dos adolescentes. Estes vão desde a resposta ao controle externo ou ao sentimento de culpa, até uma motivação que inteiramente de acordo com o desejo e valores individuais. Este mesmo raciocínio funciona no momento de acatar uma decisão parental. Esta pode ser endossada pelo adolescente e encarada como a melhor opção, ou por pressão externa ou receio de desapontar os pais (Petegem et al., 2012). Assim, a medida na qual o adolescente endossa a tomada de decisão, por motivação própria ou externa, pode contribuir no entendimento da aquisição da autonomia na adolescência: quanto mais autodeterminado o comportamento, maior autonomia (Ryan & Deci, 2006).

Busca-se com este estudo ampliar o escopo de entendimento acerca de como a independência decisória e a motivação para a tomada de decisão caracterizam um funcionamento autônomo ou heterônomo. Além disso, procura disponibilizar para o contexto brasileiro uma medida que auxilie na avaliação de adolescentes, atentando para a necessidade de instrumentos psicométricos elaborados com cuidado e válidos para a população brasileira. Os indicadores de autoestima e boa percepção dos estilos parentais aliados a um comportamento mais autodeterminado, ou seja, autônomo, devem indicar maior potencial de saúde e a existência de um bom ambiente de convivência.

Objetivo Geral

- Adaptação transcultural e validação da Medida Integrada de Independência Decisória de Petegem, Beyers, Vansteenkiste e Soenens (2012) para o português brasileiro.

Objetivos Específicos

- Realizar a tradução e adaptação da Medida Integrada de Independência Decisória para Adolescentes para o português brasileiro;
- Investigar as características psicométricas da Medida Integrada de Independência Decisória para Adolescentes e buscar evidências de validade de construto;
- Investigar a possível relação entre autonomia, autoestima e estilos parentais em adolescentes da cidade de Porto Alegre
- Explorar diferenças entre os grupos (sexo e idade) quanto à independência e dependência decisória, autoestima e estilos parentais.

Estrutura da Dissertação

A presente dissertação é composta de um artigo teórico e outro empírico. O teórico objetiva a apresentação dos preceitos da TAD, que foi desenvolvida por Richard M. Ryan e Edward L. Deci nos 1980. São apresentados os principais conceitos dessa teoria, entre eles: as necessidades básicas, a questão da motivação como reguladora dos comportamentos e a importância do contexto no curso do desenvolvimento. A partir disso, explora a importância da satisfação de três necessidades básicas (autonomia, relação e competência) e como a provisão, ou falta dela, repercute ao longo do desenvolvimento.

O segundo apresenta como eixo principal o processo de adaptação e validação da medida integrada para o português brasileiro, bem como suas evidências de validade. Os resultados da Medida Integrada de Independência Decisória para Adolescentes são investigados com os resultados da Escala de Responsividade e Exigência Parental (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004) e da Escala de Autoestima (Rosenberg, 1979), na sua versão adaptada para o português (Hutz & Zanon, 2011). Dessa forma proporciona uma ideia de como a medida se comporta na amostra brasileira, contribuindo para a compreensão do modelo explicativo da relação entre essas variáveis.

Referências

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1981). *Adolescência Normal: Um Enfoque Psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Allen, J.P., Marsh, P., McFarland, C., McElhaney, K.B., Land, D.J., Jodl, K.M., & Peck, S. (2002). Attachment and autonomy as predictors of the development of social skills and delinquency during midadolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 70*(1), 56-66.
- Barbosa, P.V. & Wagner, A. (2013). A autonomia na adolescência: revisando conceitos , modelos e variáveis. *Estudos de Psicologia, 18*(4), 639-648.
- Beyers, W., Goossens, L., Vansant, I., & Moors, E. (2003). A structural model of autonomy in middle and late adolescence: connectedness, separation, detachment, and agency. *Jornal of Youth and Adolescence, 23* (5), 351-365.
- Blos, P. (1996). *Transição Adolescente: questões desenvolvimentais*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Cumsille, P., Darling, N., & Martínez, M.L. (2010). Shading the truth: the patterning of adolescents' decisions to avoid issues, disclose, or lie to parents. *Journal of Adolescence, 33*, 285-296.
- Deci, E.L. & Ryan, R.M.(1985). *Intrinsic Motivation and Self-Determination in Human Behaviour*. New York: Plenum Press.
- Deci, E.L., Eghrari, H., Patrick, B.C. & Leone, D.R. (1994). Facilitating internalization: the self-determination theory perspective. *Journal of Personality, 62*(1), 119-142.
- Dornbusch, S.M., Carlsmith, J.M., Bushwall, S.J., Ritter, P.L., Leiderman, H., Hastorf, A.H., & Gross, R.T. (1985). Single Parents, extended households, and the control of adolescents. *Child Development, 56*, 326-341.

- Freud, A. (1958). *Psychoanalytic Study of the Child*. New York: Yale University Press.
- Grolnick, W.S. & Ryan, R.M. (1989). Parent Styles associated with children's self-regulation and competence in school. *Journal of Educational Psychology*, *81*, 143-154.
- Hutz, C.S. & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, *10*(1), 41-49.
- Noom, M.J., Dekovic, M. & Meeus, W.H.J. (1999). Autonomy, attachment and psychosocial adjustment during adolescence: a double-edged sword? *Journal of Adolescence*, *22*(6): 771-783
- Petegem, S.V., Beyers, W., Vansteenkiste, M. & Soenens, B. (2012). On the association between adolescent autonomy and psychosocial functioning: examining decisional independence from a self-determination theory perspective. *Developmental Psychology*, *48*(1), 76-88. doi: 10.1037/a0025307.
- Reichert, C.B. & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *Psico*, *38*(3), 292-299.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton NJ: Princeton University Press.
- Ryan, R.M., & Connel, J.P. (1989). Perceived locus of causality and internalization: Examining reasons for acting in two domains. *Journal of Personality and Social Psychology*, *57*, 749-761.
- Ryan, R. M., & Deci, E.L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American Psychologist*, *55*, 68-78. doi: 10.1037/0003-066X.55.1.68.
- Ryan, R.M. & Deci, E.L. (2002). Overview of self-determination theory: an organismic dialectical perspective. In E. L. Deci & R. M. Ryan (Eds.), *Handbook of self-*

- determination research* (pp. 3-33). Rochester, NY: The University of Rochester Press.
- Ryan, R.M. & Deci, E.L. (2006). Self-regulation and the problem of human autonomy: does psychology need choice, self-determination, and will? *Journal of Personality*, 74(6), 1557-1585. doi: 10.111/j.1467-6494.2006.00420.x
- Ryan, R.M. & Lynch, J.H. (1989). Emotional autonomy versus detachment: revisiting the vicissitudes of adolescence and young adulthood. *Child Development*, 60, 340-356.
- Ryan, R.M., Stiller, J.D., & Lynch, J.H. (1994). Representations of relationships to teachers, parents, and friends as predictors of academic motivation and self-esteem. *Journal of Early Adolescence*, 14(2), 226-249.
- Soenens, B., Vansteenkiste, M., Lens, W., Luyckx, K., Beyers, W., Goossens, L., & Ryan, R. M. (2007). Conceptualizing parental autonomy support: Adolescent perceptions of promoting independence versus promoting volitional functioning. *Developmental Psychology*, 43, 633-646.
- Steinberg, L. (1999). *Adolescence* (5th Ed.). Boston: McGraw-Hill, p. 276.
- Teixeira, M.A.P., Bardagi, M.P., & Gomes, W.B. (2004) Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica*, 3(1),1-12.
- Vansteenkiste, M., Zhou, M.M., Lens, W., & Soenens, B. (2005). Experiences of autonomy and control among Chinese learners: vitalizing or immobilizing? *Journal of Educational Psychology*, 97, 468-493.

CAPÍTULO II

CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO: SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES BÁSICAS DE AUTONOMIA, RELAÇÃO E COMPETÊNCIA NO CURSO DO DESENVOLVIMENTO

CONSIDERATIONS ON THE SELF-DETERMINATION THEORY: SATISFACTION OF
THE BASIC NEEDS OF AUTONOMY, RELATION AND COMPETENCE DURING
DEVELOPMENT

Daniela Bergesch D’Incao

Claudio Simon Hutz

RESUMO

A Teoria da Autodeterminação (TAD) é uma teoria organismica e dialética que considera os indivíduos como ativos no processo de desenvolvimento, com potencial para o crescimento e integração. Para tanto é fundamental que três necessidades básicas sejam satisfeitas: autonomia, relação e competência. É através do interjogo das características pessoais e dos nutrientes dados pelo meio que irá permitir ou não o bom desenvolvimento e integração. Este trabalho propõe-se a discutir os preceitos da TAD e a forma como a satisfação dessas necessidades repercute ao longo do desenvolvimento.

Palavras-chave: autodeterminação, necessidades, desenvolvimento humano

Self-determination Theory (SDT) has an organismic and dialectical framework for the study of personal growth and development. From SDT's perspective, individuals are prone to develop towards an active and integrative way. Therefore, three basic needs must be satisfied: autonomy, relation, and competence. Through the relationship between personal characteristics and needs satisfaction, the development and integration will be allowed. This work proposes to discuss SDT and how needs' satisfaction will echo along the development.

Key words: self-determination, needs, human development

Introdução

A Teoria da Autodeterminação (TAD) considera os indivíduos como ativos e com tendência ao desenvolvimento. Por entender que as contribuições dessa teoria são consistentes, este trabalho se propõe a discutir os preceitos da TAD, ilustrando alguns de seus conceitos centrais, como: necessidades básicas (autonomia, relação e competência), os tipos de regulação do comportamento e a motivação. Além disso explora a importância da satisfação dessas necessidades básicas e como isto repercute ao longo do ciclo vital.

Mas, de acordo com esta teoria, o que caracterizaria o desenvolvimento saudável? Este envolve o funcionamento complementar entre a organização e autorregulação a nível individual e também a integração com outros indivíduos. O termo autodeterminação é definido como sendo uma qualidade do funcionamento humano que compreende experiências de direito de escolha e capacidade para escolher. Entretanto, além de ser considerada capacidade, pode ser entendida igualmente como necessidade e, como tal, pode ser atendida ou frustrada (Deci & Ryan, 1985, Ryan & Deci, 2002).

Os desfechos do desenvolvimento são preditos em função do ambiente no qual os indivíduos estão inseridos. Pode se pensar que vão desde a integração ativa do *self* até condutas passivas, reativas, alienadas e fragmentadas. A tendência ao crescimento deve ser vista como potencial dinâmico que requer provisão das necessidades em um nível amplo (Ryan & Deci, 2002).

A TAD propõe três necessidades fundamentais: autonomia, competência e relação (pertença). Cada uma dessas é essencial na integração de fenômenos variados. Dependendo do nível em que são satisfeitas as necessidades, será possibilitado um maior ou menor grau de motivação para a ação.

Há uma distinção entre duas grandes classes de motivação para os comportamentos: os autodeterminados e os controlados. Os primeiros envolvem a experiência de um senso de escolha (autodeterminação), já os segundos envolvem a submissão e a subordinação a forças psíquicas ou de outros indivíduos (Deci & Ryan, 1985; Deci, Eghrari, Patrick & Leone, 1994).

Portanto, dado o constante intercâmbio entre indivíduo e o meio, a forma como é realizada a satisfação das necessidades garante ou não a manutenção do funcionamento de cada indivíduo. Assim como é necessário o suprimento de demandas biológicas, a satisfação a nível psicológico promove a saúde mental e a consciência acerca de objetivos e valores (Ryan & Deci, 2002).

Teoria da Autodeterminação

A TAD foi elaborada por Richard M. Ryan e Edward L. Deci a partir da década de 80 e aborda os temas da motivação e personalidade. Teve seu início com estudos sobre os efeitos do ambiente na motivação intrínseca e atualmente constitui-se como uma ampla teoria motivacional da personalidade. Seus estudos são realizados através de metodologia empírica tradicional e uma metateoria organísmica que destaca a utilização de recursos internos para o desenvolvimento da personalidade e autorregulação do comportamento (Deci & Ryan, 1985; Ryan, Kuhl & Deci, 1997, Ryan & Deci, 2000).

Considera os seres humanos como organismos ativos, que agem conforme o ambiente interno e externo, por isto é considerada uma teoria dialética. Investiga tendências inerentes ao crescimento e considera as necessidades psicológicas como inatas, funcionando como base para a motivação, integração da personalidade e das condições necessárias aos processos positivos (Ryan & Deci, 2000). Além da natureza humana ativa e integrada, existem contextos sociais que podem servir como ativadores ou impedidores do desenvolvimento. Por

isso a integração humana não pode ser considerada como certa e automática, mas como um potencial dinâmico, que depende de condições satisfatórias para o desenvolvimento. A vulnerabilidade, Nessa perspectiva, seria a passividade e formação de estruturas fragmentadas que ocasionam o funcionamento psicológico rígido (Ryan & Deci, 2002).

A internalização e integração de valores e tipo de regulação do comportamento são consideradas como uma tendência natural. Porém a internalização não ocorre de forma automática, requer suporte para que funcione satisfatoriamente. O grau em que o indivíduo consegue integrar as demandas culturais, valores e tipo de regulações reflete no tipo de engajamento frente às demandas (Deci & Ryan, 2000).

Contextos Sociais e Necessidades Básicas

Conforme a TAD, existem ambientes que proporcionam apoio ao bom desenvolvimento, sanando as necessidades básicas de autonomia, relação e competência, enquanto outros são prejudiciais. Compreende-se que estas necessidades são inatas e podem ser tanto de ordem biológica ou psicológica. Trata-se de um estado energizante que, quando satisfeito, leva ao desenvolvimento e bem estar. Por outro lado, quando é frustrado pode levar ao adoecimento (Deci & Ryan, 2000, Ryan & Deci, 2000).

As necessidades básicas de autonomia, competência e relação são entendidas como essenciais para a integração de uma ampla quantidade de fenômenos. Além disso, são consideradas universais, pois representam requisitos inatos ao invés de motivos adquiridos. Estão, portanto, presentes em qualquer cultura e período do desenvolvimento. Ressalta-se que é importante diferenciar necessidade de motivos pessoais, desejo e ambição. Nem todos os motivos satisfazem necessidades básicas, sendo que alguns podem inclusive ser contrários à satisfação (Ryan & Deci, 2002).

A TAD propõe-se como uma teoria universal, alega que as necessidades básicas de autonomia, relação e competência existem em todas as culturas. Porém, esta pretensão é muitas vezes posta em debate, como, por exemplo, o caso da autonomia. Em alguns casos é questionada a diferença na manifestação da motivação intrínseca e importância atribuída à autonomia em sociedades individualistas e coletivistas (Iyengar & Lepper, 1999). Todavia, existem estudos que corroboram para a hipótese da universalidade. Existem evidências de que, independentemente da cultura, parece haver uma relação positiva entre a regulação internalizada ou autônoma, práticas culturais e bem-estar (Chirkov, Kim, Ryan & Kaplan, 2003). Um estudo conduzido a partir da comparação entre trabalhadores Norte-Americanos e Búlgaros, utilizando um modelo derivado da TAD, constatou que os construtos são similares em ambas culturas (Deci, Ryan, Gagné, Leone, Usunov & Kornazheva, 2001).

A necessidade de autonomia refere-se à capacidade de o comportamento ser percebido como original do sujeito e envolve atuar desde interesse e valores próprios (Ryan & Deci, 2002). Esta definição vai de encontro a divergências que podem ser atribuídas a uma confusão de definições. Há uma tendência, especialmente dos autores psicanalíticos, em considerar autonomia como sinônimo de independência e afastamento das figuras cuidadoras. Porém, para a TAD não há necessidade de antagonismo entre autonomia e dependência, o indivíduo pode aceitar a determinação de outros, desde que reconheça esta tomada de decisão como se fosse a sua própria (Petegem, Beyers, Vansteenkiste & Soenens, 2011).

A competência refere-se ao sentimento de efetividade nas interações do indivíduo com o ambiente social, experienciando oportunidades para exercitar e expressar as próprias capacidades. Esta necessidade leva à busca por desafios, que quando são proporcionais às capacidades individuais, mantêm e são capazes de desenvolver capacidades através da atividade. Trata-se de um senso de confiança e efetividade (Deci & Ryan, 2002).

A relação como necessidade, por sua vez, é o sentimento de conexão com outros, de cuidar e ser cuidado. É um senso de pertencimento a um grupo e à comunidade em geral (Ryan & Deci, 2002). Mesmo quando alguém aprecia a solidão, uma base relacional bem constituída oferece senso de segurança e funciona como base para a motivação intrínseca (Deci & Ryan, 2000).

O sentimento de estar relacionado, pertencendo a um grupo, bem como de se sentir competente, servem como facilitadores da tendência à internalização natural dos valores e regulações presentes nos grupos sociais em que estão inseridos. O suporte para a relação e competência promovem a internalização de uma regulação ou valor, mas não são suficientes para dar sustentação à integração. Nesse sentido faz-se fundamental a autonomia para o processamento e reconhecimento dos valores e regulações transmitidos (Deci & Ryan, 1985; Deci & Ryan, 2000).

A provisão adequada das necessidades dá o tom para o tipo de motivação que estará por trás dos comportamentos adotados. Por exemplo, a necessidade de autonomia é assegurada através da provisão da mesma, a necessidade de competência é assegurada quando os pais são capazes de prover um ambiente de boa estrutura, desafios coerentes à capacidade dos filhos e estabelecimento de limites claros e concisos. Já a necessidade de relação é garantida através do cuidado e envolvimento parental (Ryan, Deci, Grolnick & La Guardia, 2006). Comportamentos que envolvem uma maior autonomia, mais afinados com os desejos e valores do indivíduo, tendem a levar a desfechos positivos, com sentimentos de interesse e satisfação.

O papel da motivação na TAD

Mas então, qual é o papel da motivação de acordo com a TAD? Esta constitui-se por energia, persistência, direção e finalidade (Deci & Ryan, 1985). Pode-se considerar que a

motivação serve como motor ou força vital para atividade e desenvolvimento dos indivíduos. Apesar de tratada como gerador a nível individual, são diversos os fatores que motivam pessoas a adotarem determinados comportamentos, bem como diversas são as consequências.

A TAD explica estas diferenças através de um *continuum* motivacional que vai desde a amotivação, passando pela motivação extrínseca até a motivação intrínseca. É importante salientar que, independentemente dessa sequência, cada tipo de motivação manifesta-se de forma diferente, dependendo do cenário. Não há uma ordem, cada situação irá refletir conforme foram satisfeitas as necessidades básicas (Deci & Ryan, 2000; Ryan & Deci, 2000; Ryan & Deci, 2002).

A amotivação é um estado no qual o indivíduo não demonstra a intenção de adotar qualquer tipo de comportamento frente a um estímulo; há a falta de motivação, passividade e inatividade. Conforme a TAD há a ausência de um senso de eficácia e de controle frente a uma determinada situação, portando existe uma incapacidade para a regulação a um tipo de comportamento (Deci & Ryan, 2000).

A regulação extrínseca é composta pela regulação externa, introjetada, identificada e integrada. A regulação externa refere-se à forma menos autônoma de motivação extrínseca, trata-se da motivação por algum tipo de contingência externa como um prêmio ou recompensa ou visando evitar algum tipo de punição ou retaliação. Pode-se tomar como exemplo um trabalhador cujo objetivo único é receber os honorários ao final do mês, não havendo prazer e realização com a atividade (Deci & Ryan, 2000).

A motivação introjetada é quando uma regulação externa é internalizada, porém não é sentida como própria do indivíduo, ou seja, é internalizada parcialmente. Ocorre quando a regulação externa é internalizada e mantida de maneira relativamente igual às regulações externas. Geralmente envolve comportamentos de culpa, vergonha e desejo de garantia de reconhecimento (Ryan & Connel, 1989; Deci & Ryan, 2000; Ryan & Deci, 2002). Um

exemplo de uma situação que envolve este tipo de motivação é quando um adolescente resolve praticar um determinado esporte, pois se sentiria culpado se contrariasse o desejo do pai.

A regulação por identificação é a mais autodeterminada forma de motivação extrínseca e envolve a aceitação de elementos efetivamente importantes para o indivíduo. Constitui-se como um aspecto marcante na transformação da regulação externa em interna, sendo que aquilo com o que o sujeito se identifica é tomado como seu, é endossado por ele, há um importante nível de autonomia envolvido (Deci & Ryan, 2000). Por exemplo, um aluno que se identifica com o professor e com a disciplina e passa a estudar mais.

A regulação integrada, por sua vez, promove a base para a forma mais autônoma de comportamento motivado extrinsecamente. Ocorre quando a identificação foi avaliada como de acordo com os valores, objetivos e necessidades do indivíduo. Quando há uma boa integração a expectativa é de um maior potencial para a saúde. Apesar deste tipo de regulação ser considerado parte do indivíduo, é classificado como externo porque a motivação ocorre ainda com vistas a certos fins, mais do que pelo simples prazer ou interesse inerente à ação (Deci & Ryan, 2000).

Quando o processo de internalização é realizado com sucesso a regulação externa é internalizada através dos processos de introjeção, identificação e integração, constituindo diferentes tipos de motivação extrínseca. As mais heterônomas são regulação externa, que depende da contingência externa, e a regulação introjetada, que reflete assimilação parcial de algum tipo de controle. Já a regulação identificada reflete a valorização pessoal da ação e a integrada revela os valores sintetizados pelo sujeito (Deci & Ryan, 2000; Ryan & Deci, 2006).

A motivação intrínseca é a regulação mais autônoma, baseada em necessidades inatas de competência e autodeterminação. Serve como propulsora para uma ampla gama de

comportamentos e processos psicológicos nos quais a recompensa é a experiência de autonomia e eficácia/competência (Deci & Ryan, 1985; Ryan & Deci, 2006). Trata-se da tendência inerente para busca de novidades e desafios, exercendo as capacidades de aprendizagem e exploração (Ryan, 1995; Ryan & Deci, 2000).

Para que a motivação intrínseca opere é fundamental a autodeterminação. A experiência de liberdade é condição para a autodeterminação e está presente no início de cada comportamento motivado intrinsecamente. A TAD busca entender quais são as condições que extraem e sustentam ou subjugam e diminuem esta propensão inata. Nesse sentido compreende o fator que causa a motivação intrínseca como propensão (Ryan & Deci, 2000).

É importante considerar que a motivação extrínseca totalmente internalizada nunca irá tornar-se motivação intrínseca. Mesmo estando completamente de acordo com os valores e desejos do indivíduo, ainda assim possui caráter instrumental (Deci & Ryan, 2000). As atividades para a realização de um objetivo diferenciam-se em termos do quanto são autônomas ou autodeterminadas. A boa internalização da motivação extrínseca, bem como motivação intrínseca são as bases para o comportamento autônomo e autodeterminado (Deci & Ryan, 2000).

A satisfação das necessidades através da provisão ambiental junto com características próprias de cada indivíduo contribui na forma como este irá relacionar-se com o mundo. Seguem evidências de alguns estudos que atestam para a repercussão e a importância deste interjogo no desenvolvimento humano em distintos períodos do desenvolvimento.

Satisfação das necessidades e as consequências no desenvolvimento

Diversos estudos abordando diferentes etapas do desenvolvimento têm sido realizados corroborando as hipóteses propostas pela TAD. Destes destaca-se a importância da motivação

intrínseca para comportamentos autônomos, bem como um ambiente facilitador para o desenvolvimento das competências.

A literatura sobre as etapas iniciais do desenvolvimento dá especial ênfase ao desenvolvimento da autonomia e da qualidade relacional entre pais e filhos. Existem evidências de que durante os primeiros anos escolares, quando há suporte parental à autonomia dos filhos, existe maior consideração com relação ao ponto de vista da criança, valorização e encorajamento para que este pense e resolva seus próprios problemas, minimizando o uso do controle parental (Grolnick & Ryan, 1989). Crianças que percebem o suporte para a autonomia, demonstram maiores níveis de autorregulação autônoma, menor controle, maior percepção da competência, bem como melhor desempenho escolar (Grolnick, Ryan & Deci, 1991; Lee, Yu & Choi, 2012). Os fatores que dificultam a provisão de autonomia foram apontados tanto como externos, como o estresse, quanto como aspectos particulares da criança, por exemplo, o temperamento difícil (Grolnick & Apostoleris, 2002).

A questão da autonomia chama especial atenção durante a adolescência, quando os indivíduos adquirem gradativamente maior poder de decisão sobre diversos aspectos da vida. Nesse sentido, diversos autores apontam para a importância da relação com os pais para um desenvolvimento saudável. Corroborando esta ideia, um estudo concluiu que, na fase inicial da adolescência, quando os pais são percebidos como restritivos e controladores existe associação com problemas emocionais e comportamentais, como, por exemplo, agressão e depressão. Ao contrário, quando são percebidos como acolhedores e empáticos, existe menor relação com problemas de comportamento (Finkenauer, Engels & Baumeister, 2005). Outro estudo com adolescentes e seus pais detectou que o envolvimento parental e suporte para a autonomia são preditores de melhor rendimento escolar (Wong, 2008). Em uma pesquisa que analisou padrões de relacionamento entre adolescentes e suas mães em uma amostra de adolescentes franceses e alemães, observou-se que, no grupo em que havia a separação mais

contundente entre mães e filhos, foram encontrados maiores níveis de conflito e menores níveis de intimidade e percepção da admiração (Albert, Trommsdorff & Sabatier, 2011).

O tipo de relação estabelecido entre pais e filhos pode também influenciar no tipo de motivação, que é um importante fator a ser considerado no rendimento escolar. Hayenga e Corpus (2010), realizaram um estudo que avaliou combinações entre motivação intrínseca e extrínseca em estudantes. Os resultados indicaram que desempenho acadêmico correlacionou-se positivamente com motivação intrínseca e negativamente com a extrínseca. Este resultado corroborou aos achados de um estudo anterior que indicou haver uma relação positiva e recíproca entre motivação intrínseca e desempenho escolar (Corpus, McClintic-Gilbert & Hayenga, 2009)

Os professores também tem um papel importante na motivação de seus alunos. A motivação autônoma para o ensino promove a motivação autônoma para o aprendizado através do incremento da vivência dos alunos com o professor que oferece suporte necessário para a autonomia. Além disso, foi apontada a associação positiva entre motivação autônoma para o trabalho e satisfação laboral. Por outro lado, houve associação negativa entre motivação autônoma com sentimentos de exaustão com o trabalho (Roth, Assor, Kanat-Maymon & Kaplan, 2007). No ambiente acadêmico a TAD instrumentaliza intervenções acerca da motivação de estudantes para aprendizagem. O desenvolvimento de instrumentos auxilia os professores na maximização do nível de motivação intrínseca para a aprendizagem (Fernandes & Vasconcelos-Raposo, 2005).

Em uma amostra de estudantes universitários uma pesquisa sobre a autonomia e sua relação com ajustamento foi observado que indivíduos mais autoconfiantes sofriam menos de depressão, tiravam boas notas e demonstravam atitudes positivas com relação à faculdade (Lamborn & Groh, 2009). Este fato é respaldado com achados anteriores que indicaram que comportamento mais autônomo e confiante foi associado com aprendizado criativo,

engajamento (Roth, Assor, Kanat-Maymon & Kaplan, 2007) e maior energia e vitalidade (Ryan & Frederick, 1997).

Um dos contextos em que pode ficar evidente a diferença a nível de funcionamento familiar e provisão de necessidades é comparando amostras clínicas e não clínica. Foi realizado um estudo comparando três grupos de adolescentes: não clínicos, deprimidos e com problemas externalizantes. Os resultados apontaram para um prejuízo em termos de relacionamento familiar dos indivíduos com patologias externalizantes, o que pode indicar ambientes familiares com poucas condições de provisão de necessidades fundamentais (Pavlidis & McCauley, 2001).

As consequências da satisfação das necessidades básicas muitas vezes são mais dessacadas no período da infância e adolescência, entretanto manifestam-se ao longo do ciclo vital de diferentes formas. Em um estudo com casais adultos, obteve-se que a motivação autônoma para permanecer na relação, baseado em razões intrínsecas, foi preditora de uma maior satisfação após desentendimentos. Como consequência houve um menor nível de defensividade, revelando que quando há investimento autônomo na relação, possibilita-se um entendimento mais acurado acerca do contexto em que ocorreram os desentendimentos, havendo maior satisfação com a relação de modo geral (Knee, Lonsbary, Canevello & Patrick, 2005).

Com relação à satisfação das necessidades e motivação intrínseca em idosos, Meurer, Benedetti e Mazo (2012) realizaram uma pesquisa sobre os fatores motivacionais em idosos que praticam exercícios físicos em um programa social. Encontraram que idosos que praticam atividade física há pelo menos um ano demonstraram aumento na motivação para o exercício, o que pode ser entendido como incremento na percepção da competência e necessidade de realização, já que os exercícios foram realizados em ambiente social.

Como pode-se perceber, a satisfação das necessidades básicas é essencial durante todo o ciclo vital. Talvez deixe marcas mais profundas no período da infância e adolescência, mas não são estanques. A TAD considera os indivíduos ativos e capazes no processo de desenvolvimento, portanto, a satisfação das necessidades é fundamental, sendo atualizada durante todo o ciclo vital, implicando diferentes tipos de motivação para diferentes tipos de comportamentos e atividades.

Considerações Finais

A TAD coloca-se como uma consistente teoria no campo da personalidade e motivação. Apesar de recente, estudos vem corroborando para a importância da satisfação de necessidades básicas ao longo do desenvolvimento, da mesma forma como o papel que exerce a motivação nos mais variados contextos.

Importantes resultados vem sendo obtidos com relação ao ambiente escolar e acadêmico, oferecendo uma nova visão especialmente no que tange ao construto da autonomia. Esta nova perspectiva busca descolar do termo autonomia a separação entre pais e filhos, ressaltando a importância da necessidade de relação para o desenvolvimento saudável. Além destes, são contemplados outros momentos do ciclo vital, demonstrando que durante toda a vida os indivíduos vão se modificando e adaptando a novos meios e contextos.

Apesar deste artigo não se tratar de uma revisão sistemática, percebe-se que a grande maioria dos estudos são de origem norte americana e europeia, o que pode acabar limitando a aplicabilidade em outros contextos como, por exemplo, o brasileiro. Existem relativamente poucas publicações nacionais de pesquisas que avaliem a motivação e a satisfação de necessidades, validando ou construindo novos instrumentos de avaliação. Portanto, mesmo que a TAD proponha conceitos universais e obtenha bons resultados com relação a isto, sabe-

se que existem peculiaridades de cada cultura, por isto se faz importante a realizações de estudos a nível nacional, verificando como é a adequação dessa teoria ao contexto brasileiro.

Além disso, é uma teoria que se presta a construção de intervenções para diferentes faixas etárias e em diferentes contextos. Entender os comportamentos através da motivação instrumental profissionais das mais diversas áreas a trabalharem habilidades e capacidades, impulsionando os indivíduos no potencial de crescimento pessoal e desenvolvimento.

Referências

- Albert, I., Trommsdorff, G. & Sabatier, C. (2011). Patterns of relationship regulation: german and french adolescents' perceptions with regard to their mothers. *Family Science*, 2(1), 58-67.
- Chirkov, V., Kim, Y., Ryan, R.M. & Kaplan, U. (2003). Differentiating autonomy from individualism and independence: a self-determination theory perspective on internalization of cultural orientations and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84 (1), 97-110. doi: 10.1037/0022-3514.84.1.97
- Corpus, J.H., McClintic-Gilbert, M.S. & Hayenga, A.O. (2009). Within-year changes in children's intrinsic and extrinsic motivational orientations: contextual predictors and academic outcomes. *Contemporary Educational Psychology*, 34, 154-166.
- Deci, E. L., Eghrari, H., Patrick, B. C., & Leone, D. R. (1994). Facilitating internalization: The self-determination theory perspective. *Journal of Personality*, 62, 119–142.
- Deci, E.L. & Ryan, R.M. (1985). *Intrinsic Motivation and Self-Determination in Human Behaviour*. New York: Plenum Press.
- Deci, E.L. & Ryan, R.M. (2000). The “what” and the “why” of goal pursuits: human needs and the self-determination of the behavior. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227-268.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2002). Self-determination research: Reflections and future directions. In E. L. Deci & R. M. Ryan (Eds.), *Handbook of self-determination research* (pp. 431-441). Rochester, NY: University of Rochester Press.
- Deci, E.L., Rya, R.M., Gagné, M., Leone, D.R., Usunov, J. & Kornazheva, B.P. (2001). Need satisfaction, motivation, and well-being in the work organizations of a former eastern bloc country: a cross-cultural study of self determination. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(8), 930-942.

- Fernandes, H.M. & Vasconcelos-Raposo, J. (2005). Continuum de auto-determinação: validade para sua aplicação no contexto esportivo. *Estudos de Psicologia, 10*(3), 385-395.
- Grolnick, W.S. & Ryan, R.M. (1989). Parent Styles associated with children's self-regulation and competence in school. *Journal of Educational Psychology, 81*, 143-154.
- Grolnick, W.S., Ryan, R.M. & Deci, E.L. (1991). The inner resources for school achievement: motivational mediators of children's perceptions of their parents. *Journal of Educational Psychology, 83*, 508-517.
- Grolnick, W.S. & Apostoleris, N.H. (2002). What make parents controlling? In E. L. Deci & R. M. Ryan (Eds.), *Handbook of self-determination research* (pp. 161-181). Rochester, NY: The University of Rochester Press.
- Hayenga, A. O., & Corpus, J. H. (2010). Profiles of intrinsic and extrinsic motivation: A person-centered approach to motivation and achievement in middle school. *Motivation and Emotion, 34*, 371-383.
- Finkenauer, C., Engels, R.C.M.E. & Baumeister, R.F. (2005). Parenting behavior and adolescent behavioural and emotional problems: the role of self-control. *International Journal of Behavioural Development, 29*(1), 58-69. doi: 10.1080/01650250444000333
- Iyengar, S.S, & Lepper, M.R. (1999). Rethinking the value of choice: a cultural perspective on intrinsic motivation. *Journal of Personality and Social Psychology, 76* (3), 349-366.
- Knee, C.R., Lonsbary, C., Canevello, A., & Patrick, H. (2005). Self-determination and conflict in romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 89*, 997-1009. doi: 10.1037/0022-3514.89.6.997

- Lamborn, S.D. & Groh, K. (2009). A four-part model of autonomy during emerging adulthood: associations with adjustment. *International Journal of Behavioral Development, 2009*, 1-9. doi: 10.1177/0165025409338440
- Lee, J., Yu, H. & Choi, S. (2012). The influences of parental acceptance and parental control on school adjustment and academic achievement for South Korean children: the mediation role of self-regulation. *Asia Pacific Educational Review, 13*, 227-237. doi: 10.1007/s12564-011-9186-5
- Meurer, S.T., Benedetti, T.R.B. & Mazo, G.Z. (2012). Fatores motivacionais de idosos praticantes de exercícios físicos: um estudo baseado na teoria da autodeterminação. *Estudos de Psicologia, 17*(2), 200-303.
- Pavlidis, K. & McCauley (2001). Autonomy and relatedness in family interactions with depressed adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology, 29*(1), 11-21.
- Petegem, S.V., Beyers, W., Vansteenkiste, M. & Soenens, B. (2011). On the association between adolescent autonomy and psychosocial functioning: examining decisional independence from a self-determination theory perspective. *Developmental Psychology, 48*(1), 76-88. doi: 10.1037/a0025307
- Roth, G., Assor, A., Kanat-Maymon, Y. & Kaplan, H. (2007). Autonomous motivation for teaching: how self-determined teaching may lead to self-determined learning. *Journal of Educational Psychology, 99* (4), 761-774. doi: 10.1037/0022-0663.99.4.761
- Ryan, R.M. & Deci, E.L. (2002). Overview of self-determination theory: an organismic dialectical perspective. In E. L. Deci & R. M. Ryan (Eds.), *Handbook of self-determination research* (pp. 3-33). Rochester, NY: The University of Rochester Press.

- Ryan, R.M. & Connell, J.P. (1989). Perceived locus of causality and internalization: examining reasons for acting in two domains. *Journal of Personality and Social Psychology, 57*, 749-761.
- Ryan, R.M. (1995). Psychological needs and the facilitation of integrative processes. *Journal of Personality, 63*, 397- 427.
- Ryan, R.M., Kuhl, J. & Deci, E.L. (1997). Nature and autonomy: an organizational view of social and neurobiological aspects of self-regulation in behavior and development. *Development and Psychopathology, 9*, 701-728.
- Ryan, R.M. & Frederick, C.(1997). On energy, personality, and health: subjective vitality as a dynamic reflection of well-being. *Journal of Personality, 65*(3), 529-565.
- Ryan, R.M, & Deci, E.L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. *American Psychologist, 55*, 68-78.
doi: 10.1037/0003-066X.55.1.68
- Ryan, R.M. & Deci, E.L. (2006). Self-regulation and the problem of human autonomy: does psychology need choice, self-determination, and will? *Journal of Personality, 74* (6), 1557-1585. doi: 10.1111/j.1467-6494.2006.00420.x
- Ryan, R.M., Deci, E.L., Grolnick, W.S. & La Guardia, J.G. (2006). The significance of autonomy and autonomy support in psychological development and psychopathology. In D.Cicchetti & D.J.Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology: theory and method* (2nd ed., pp. 795-849). Hoboken, NJ: Wiley.
- Wong, M.M. (2008). Perceptions of parental involvement and autonomy support: their relations with self-regulation, academic performance, substance use and resilience among adolescents. *North American Journal of Psychology, 10*(3), 497-518.

CAPÍTULO III

ARTIGO II

**ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DA MEDIDA INTEGRADA DE
INDEPENDENCIA DECISORIA PARA ADOLESCENTES**

CROSS-CULTURAL ADAPTATION OF AN INTEGRATED MEASURE OF
DECISIONAL INDEPENDENCE FOR ADOLESCENTS

Daniela Bergesch D’Incao

Claudio Simon Hutz

RESUMO

Este estudo realizou a adaptação transcultural da Medida Integrada de Independência Decisória (MIIDA) para o português brasileiro. A crescente aquisição da autonomia durante a adolescência é considerada tarefa central dessa etapa do desenvolvimento e uma das áreas a autonomia se faz mais aparente é através da independência decisória. Esta medida avalia o tipo de tomada de decisão (independente ou dependente) e os motivos que estão por detrás da tomada de decisão (externos ou identificados). Além disso, explorou a relação entre independência decisória, autoestima e na percepção dos adolescentes com relação aos estilos parentais. Obteve-se como resultado uma solução de dois fatores para o tipo de decisão independente e dependente, além de boas propriedades psicométricas da medida. Identificou-se que aqueles adolescentes que utilizavam mais de motivação externa para a tomada de decisão, tendiam a níveis mais baixos de autoestima e percebiam os pais como negligentes. Os resultados corroboram os preceitos da Teoria da Autodeterminação de que quanto menos autodeterminada a motivação, maior tendência a desfechos negativos no desenvolvimento. A partir destes resultados pode-se concluir que o tipo de motivação utilizada repercute no funcionamento e que a participação parental é muito importante Nesse período do desenvolvimento.

Palavras-chave: adolescência, independência decisória, autonomia, motivação, autoestima, estilos parentais

ABSTRACT

This study made the cross-cultural adaptation of the Integrated Measure of Decisional Independence for Brazilian Portuguese. The increasing acquisition of autonomy during adolescence is considered the central task of this stage of development and one of the areas where it is most apparent is through the decision-making independence. This measure assesses the type of decision-making (independent or dependent) and the motives behind it (external or identified). Furthermore, explored the relationship between decisional independence, self-esteem and adolescents' perception of parental styles. The results indicated a two factors solution for independent and dependent type decision, as well as good psychometric properties of the measure. Those adolescents who had external motivation for the decision-making, tended to lower levels of self-esteem and neglectful parenting style. This results support the Self-Determination Theory precepts that the less self-determined motives will lead to greater likelihood of adverse outcomes during development. Results indicated that the type of motivation used affects the development and that parental involvement is crucial during this time of the development.

Keywords: adolescence, operative independence, autonomy, motivation, self-esteem, parenting styles

Introdução

A aquisição da autonomia, especialmente na cultura ocidental, é referida como uma das principais tarefas da adolescência (Blos, 1996; Petegem, Beyers, Vansteenkiste, Soenens, 2012). Apesar da relevância do tema para esta etapa do desenvolvimento, a maior parte dos estudos disponíveis são internacionais, grande parte produzido nos Estados Unidos e com uma população bastante específica. No Brasil existe uma escassez de estudos e instrumentos que avaliem este construto (Barbosa e Wagner, 2013), sendo assim a adaptação transcultural da Medida Integrada de Independência Decisória para Adolescentes (MIIDA) representa uma contribuição importante, não só por disponibilizar uma nova medida de avaliação, mas também contribuir no entendimento de um construto que é até hoje bastante controverso.

Conforme a perspectiva desenvolvimental tradicional, a autonomia é definida em termos de independência, ou seja, o funcionamento oposto à dependência e necessidade de apoio dos pais ou responsáveis. Esta ideia deriva principalmente de autores de orientação psicanalítica, cuja definição do termo é a progressiva separação das figuras de autoridade, constituindo um importante requisito para o desenvolvimento saudável (Blos, 1996; Beyers, Goossens, Valsant & Moors, 2003). Entretanto, esta visão é questionada e pode estar explicando o fenômeno de maneira incompleta.

A Teoria da Autodeterminação (TAD) define autonomia em termos do funcionamento auto-endossado e volitivo, ou seja, o indivíduo age conforme seus desejos e valores, não havendo nenhum tipo de pressão ou controle (Deci & Ryan, 2000). Conforme esta perspectiva, existem diferentes tipos de motivação que levam o indivíduo a agir de uma determinada maneira. Este *continuum* de estilos motivacionais e/ou regulatórios vai desde a autonomia até o seu oposto, a heteronomia – regulação do comportamento por circunstâncias

alheias ao indivíduo. Com base Nesse aporte teórico, o suporte parental que envolve proximidade se faz fundamental pois promove, de maneira consistente, o encorajamento e estímulo para que os filhos progressivamente desenvolvam interesses e objetivos próprios e, como consequência, ajam em consonância com os mesmos (Deci & Ryan, 2000, Ryan & Deci, 2006).

De acordo com Steinberg (2002), a tomada de decisão seria uma das instâncias psíquicas mais aparentes do funcionamento independente durante a adolescência. Conforme a TAD, tanto o funcionamento dependente quanto o independente podem se dar de uma maneira volitiva e auto-endossada, ou seja, autônoma. Ocorre que o adolescente pode sentir-se seguro para decidir sozinho sobre uma questão qualquer ou, quando consciente de que seus pais tem maior capacidade para decidir sobre outra questão, acolhe a decisão parental como se fosse sua. Nesse sentido ambos os funcionamentos se darão de forma autônoma e volitiva (Petegem et al., 2012).

Durante o processo de desenvolvimento da autonomia é indispensável levar em consideração o indivíduo e seu ambiente. Nesse sentido os pais são figuras chave, portanto a forma como os mesmos são percebidos pode fornecer indicativos importantes sobre como os adolescentes decidem. A autoestima, por outro lado, pode fornecer um ponto de vista a nível individual sobre como se desenvolve a autonomia, como este processo repercute no desenvolvimento através da tomada de decisão.

Motivação e Autonomia

A motivação é fator fundamental na tomada de decisão e está no cerne da regulação biológica, cognitiva e social. As pessoas são motivadas à ação por uma ampla gama de fatores que proporcionam diferentes tipos de experiência e consequências (Ryan & Deci, 2000). Enquanto alguns comportamentos são regulados pelo *self* – autonomia – outros são

regulados por controle externo ou então por uma motivação que se dá por circunstâncias alheias ao indivíduo, tratando-se, Nesse caso, da heteronomia. Quando há pressão e/ou controle os indivíduos podem se sentir compelidos a cumprir demandas internas ou externas. Para atingir o modo de funcionamento auto endossado é fundamental que um valor ou regulação seja completamente internalizado, o que envolve a transformação de valores e regulações externos em regulações internas (Ryan & Conell, 1989; Ryan & Deci, 2000).

A regulação, de acordo com a TAD, pode se dar das seguintes formas: motivo externo, motivo introjetado, motivo identificado e motivação intrínseca. Quando a regulação é em decorrência de um motivo externo há pressão de fora levando o sujeito a, por exemplo, escolher determinado comportamento como meio de evitar uma possível sanção, não há internalização da regulação. O motivo é introjetado quando existe a internalização parcial da regulação, o indivíduo engaja-se em uma atividade como forma de lidar com pressões internas como a culpa e a vergonha.

No motivo identificado as ações são reconhecidas como significativas e valorizadas, caracterizando uma total internalização e funcionamento auto endossado. Tem-se como exemplo um adolescente que cumpre as regras propostas pelos pais, sentindo que as faz mais como escolha do que como obrigação (Chirkov, Kim, Ryan & Kaplan, 2003; Ryan & Deci, 2000). A motivação intrínseca seria considerada como sendo a mais autônoma, já que vem desprovida de qualquer tipo de conflito. Além disso, é baseada exclusivamente no interesse e desejo do indivíduo (Chirkov et al., 2003; Ryan & Connel, 1989) como quando, por exemplo, o adolescente escolhe uma atividade extra curricular que esteja de acordo com seus valores e desejo.

De acordo com a TAD a autonomia, juntamente com a competência e a pertença, constituem as três necessidades essenciais ao indivíduo. Estas atuam na facilitação do bom funcionamento de propensões naturais ao crescimento e à integração, bem como

desenvolvimento social construtivo e bem-estar pessoal (Deci & Ryan, 1985; Ryan & Deci, 2000; Petegem et al., 2012). A autonomia caracteriza-se como peça chave para o entendimento da regulação do comportamento (Ryan & Deci, 2006), a relação se dá em termos da necessidade que a pessoa tem de se sentir pertencente e conectada a outros (Ryan & Deci, 2000). Já a competência, por sua vez, relaciona-se a necessidade presente em cada ser humano de sentir-se competente e capaz de realizar tarefas as quais sente-se intrinsecamente motivado, portanto está diretamente relacionada ao feedback positivo recebido. A autonomia e a competência são as necessidades mais proeminentes de acordo com a TAD, portanto a necessidade de pertencer serviria como a base para desenvolvimento das outras necessidades (Deci & Ryan, 2000).

Quando os contextos sociais respondem às necessidades individuais, então são provisionados os recursos necessários para a ascensão de maneira ativa, assimilativa e integrada. Do contrário, em ambientes onde há excessivo controle, desafios desproporcionais à capacidade do indivíduo e falta de conexão, acaba por inibir a tendência de crescimento, gerando desde a simples falta de iniciativa e responsabilidade até ansiedade e quadros psicopatológicos (Ryan & Deci, 2000).

Levando em consideração o contexto no qual o adolescente está inserido e a importância de suas relações, a literatura aponta que diferentes fatores repercutem diretamente na maneira como os indivíduos se desenvolvem. Grolnick e Ryan (1989) encontraram evidências de que o suporte parental à autonomia foi preditor de auto-regulação em crianças e estava inversamente relacionado a *acting out* e problemas de aprendizagem. Outro estudo indicou que adolescentes que buscam maior conexão com pais e professores demonstraram maior ajustamento e motivação nos estudos e, por outro lado, aqueles que relataram baixa probabilidade de solicitar ajuda para solucionar problemas emocionais ou escolares demonstraram empobrecimento de motivação e adaptação escolar, bem como baixa

autoestima e integração da identidade (Ryan, Stiller & Linch, 1994). O distanciamento de adolescentes dos pais foi associado a altos níveis de conflito familiar, evidenciando que o afastamento não parece fazer parte do desenvolvimento normal, mas sim consiste num indicativo de que a família apresenta relações problemáticas (Beyers et al., 2003).

Cumsile, Darling e Martínez (2010) encontraram que adolescentes classificados como aqueles que compartilham com os pais suas decisões demonstraram maior entendimento, obediência e menos problemas de comportamento, bem como menor monitoramento parental. Outro estudo aponta evidências de que os motivos para tomada de decisão que se davam por meio da identificação, tanto no funcionamento adolescente dependente quanto independente, se relacionaram com um padrão de funcionamento psicossocial adaptativo. Por outro lado, motivos que se davam por meio de introjeção e, mais especificamente, motivados externamente foram relacionados a mau ajustamento (Petegem et al., 2012).

Conforme indicado, entender o processo de tomada de decisão dos adolescentes possibilita avaliar o desenvolvimento da autonomia. Sendo assim outros fatores devem ser considerados para que se tenha um entendimento mais amplo do contexto. Entre eles a maneira como os adolescentes percebem os pais pode ser um ponto fundamental para esclarecer o processo, bem como a autoestima destes indivíduos (La Guardia, 2009).

Estilos Parentais

A relação entre pais e filhos é fundamental ao longo do desenvolvimento e dependendo de como esta convivência se dá, proporciona em maior ou menor grau a manifestação ou inibição das potencialidades pessoais. Baumrind (1971, 1997), a partir de influências comportamentais e sociológicas, criou uma tipologia de práticas parentais de socialização baseada em uma tipologia sociológica de lideranças de grupo (White & Lippitt, 1967) chegando a três tipos: autoritário, autoritativo e permissivo. Depois passou a

denominar os tipos por estilos, estes caracterizam um contexto no qual há esforço parental no sentido de socializar os filhos conforme suas crenças e valores. O estilo parental seria um padrão de comportamento dos pais, que se expressa através do clima emocional originado a partir do conjunto de atitudes, como, por exemplo, imposição de disciplina e outros aspectos presentes na interação pais-filhos (Darling & Steinberg, 1993).

Posterior a isto foi sugerido por Maccoby e Martin (1983) a decomposição do estilo permissivo em dois, derivando nos seguintes estilos indulgente (alto em responsividade e baixo em exigência) e negligente (níveis baixos de exigência e responsividade), estes somam-se aos estilos autoritário (alta exigência e baixa responsividade) e autoritativo (alta exigência e alta responsividade), que não foram modificados. Estes caracterizam o clima emocional que atravessa as atitudes parentais e, como efeito, busca alterar a eficácia de práticas disciplinares específicas, influenciando igualmente a predisposição e abertura dos filhos à socialização (Costa, Teixeira & Gomes, 2000).

A dimensão da exigência esta relacionada ao controle do comportamento e estabelecimento de metas e padrões de conduta pelos pais. Dessa forma é exigida a integração dos filhos à família e comunidade através de monitoramento, cobrança e disciplina (Baumrind, 1997). A dimensão da responsividade, por sua vez, relaciona-se à capacidade dos pais em termos de contingência aos filhos, atendendo as suas necessidades e particularidades (Darling & Steinberg, 1993). A responsividade está relacionada às atitudes compreensivas demonstradas pelos pais, objetivando favorecer o desenvolvimento da autonomia e da autoafirmação através do apoio emocional e da bi-direcionalidade (Costa, Teixeira & Gomes, 2000). Tendo em vista a repercussão da relação entre pais e filhos, bem como à percepção que o adolescente tem de seus pais, torna-se relevante verificar o impacto destes no desenvolvimento da autonomia, bem como possíveis implicações no desenvolvimento da autoestima dos adolescentes.

Autoestima

A autoestima é referida como a atitude do indivíduo com relação ao self (Rosenberg, 1979). O nível de autoestima, por sua vez, refere-se às representações feitas pelas pessoas dos seus sentimentos típicos e globais de auto valia e é composta por múltiplos componentes como, por exemplo, estabilidade da autoestima e autoestima implícita (Kernis, 2005).

Pensando Nessas afirmações, tem-se que a adolescência é um período marcado por muitas transformações físicas e psicológicas, bem como mudanças contextuais e transições, sendo assim a autoestima pode ser vista como indicador de como o adolescente está lidando com estas mudanças (Birkeland, Melkevik, Holsen & Wold, 2012). A baixa autoestima na adolescência é fator de risco para a saúde física e mental e envolvimento em atividades criminosas (Erol & Orth, 2011; Trzesniewski et al., 2006), além de comportamento antissocial, distúrbios alimentares, depressão e ideação suicida (Donnellan , Trzesniewski, Robins, Moffit & Caspi,, 2005).

Independência Decisória e Autonomia

Tem sido ressaltada a importância em diferenciar a autonomia em termos de independência/dependência e auto-endosso/controle (Ryan & Deci, 2006; Vansteenkiste, Zhou, Lens & Soenens, 2005). Pode se pensar que diferentes motivos encontram-se por detrás das escolhas dos adolescentes, por exemplo, pode-se optar por um determinado comportamento porque este é valorizado, ou então porque se sente obrigado a decidir sozinho. Da mesma forma pode decidir acatar uma decisão parental porque endossa esta opinião ou, por outro lado, porque deseja evitar sentimentos de culpa caso não corresponda ao desejo dos pais (Petegem et al., 2012). Sendo assim, o grau no qual o adolescente endossa a tomada de decisão – dependente ou independente – pode contribuir de maneira significativa

para o entendimento do funcionamento dependente versus independente (Ryan & Deci, 2006). Acompanhar este processo permite entender como se dá a aquisição da autonomia e em que nível este processo tem algum tipo de relação com a autoestima e na maneira como são percebidos os pais.

Apresentação da Medida

A MIIDA avalia o funcionamento adolescente autônomo em termos de independência versus dependência e auto-endosso versus funcionamento controlado e divide-se em três partes: a primeira parte é composta por uma variação da *Family Decision Making Scale* (FDMS; Dornbusch et. Al., 1985) e compreende vinte questões sobre quem decide sobre alguns tópicos em uma escala de cinco pontos – 1 (Meus pais decidem), 2 (Meus pais decidem, me consultar), 3 (Eu e meus pais decidimos juntos), 4 (eu decido, depois de consultar meus pais) e 5 (Eu decido). Os autores da medida integrada dão a sugestão de, caso desejado, os itens podem ser divididos em cinco domínios sociais: pessoal, amizade, cautela, convencional e moral. O estudo original feito com esta escala demonstrou evidências de fidedignidade (alfa de Cronbach 0,85) (Hasebe et. al, 2004; Smetana et al., 2004).

A segunda parte da medida avalia a tomada de decisão independente. Consiste em o participante escrever as três afirmativas que obtiveram pontuação mais alta na escala anterior (as que ele tende a decidir sozinho) e responder em seguida uma versão adaptada do *Self-Regulation Questionnaire* (SRQ; Ryan & Connel, 1989), que consiste em um grupo de escalas utilizado para mensurar a regulação de um determinado comportamento (aprendizagem, cuidados com a saúde). Com isto são avaliados os motivos que levam o adolescente a decidir sozinho, se por regulação por motivação externa, regulação por motivação introjetada ou regulação por motivação identificada. A formulação dos itens foi baseada em versões de domínios relacionados e refletiram motivos: identificados (“porque

isto é importante pra mim”), introjetados (“porque eu me sentiria mal se não agisse assim”) e externos (porque sou forçado por outras pessoas a agir dessa forma). Os participantes indicam a concordância através de uma escala Likert que varia desde 1 (completamente falso) à 5 (completamente verdadeiro).

A terceira parte busca acessar os motivos pelos quais os adolescentes tomam decisões de forma dependente, sendo solicitado que o participante escreva os três itens com escores mais baixos no FDMS, representando as situações nas quais há dependência, em algum nível, dos pais na tomada de decisões. Após é aplicada uma versão do SRQ similar à aplicada anteriormente, exceto os itens nos quais motivos externos foram referidos anteriormente como “porque outros me obrigam a agir dessa forma”, foram direcionados aos pais como, por exemplo, “porque meus pais me obrigam a agir dessa forma”. Na medida integrada original o alfa de Cronbach para a SRQ – Independente foi de 0,74 para motivação por identificação, 0,74 para motivação por introjeção e 0,79 para motivação externa. Já para a SRQ – Dependente foi de 0,87 para motivação por identificação, 0,81 para motivação por introjeção e 0,84 para motivação externa. (Petegem et al., 2012).

Adaptação Transcultural da Medida Integrada de Independência Decisória para Adolescentes (MIIDA)

O processo de adaptação transcultural foi realizado da seguinte forma:

- Etapa I: O instrumento foi traduzido do idioma original, o inglês, para o português brasileiro por dois tradutores bilíngues, brasileiros, psicólogos e conhecedores da temática da medida, sendo realizada uma síntese das traduções.

- Etapa II: Foi realizada uma comparação entre as traduções, obtendo-se a primeira versão do instrumento. Esta versão foi submetida a um grupo de quatro adolescentes de 15 anos, três meninas e um menino, em duplas. Todos cursavam o primeiro ano do ensino médio em escolas particulares de Porto Alegre, selecionados por conveniência. Houve indicativos de boa compreensão por parte dos participantes. Primeiro foi apresentado o instrumento. Em seguida foram solicitados a responder a MIIDA, e depois foram questionados com relação à compreensão dos itens, se julgavam pertinentes e se havia alguma sugestão.
- Etapa III: Foi realizada a tradução reversa da versão síntese já testada para análise semântica por um tradutor bilíngue, residente há pelo menos dez anos em um país cujo idioma oficial é o inglês. Após, esta versão foi enviada aos autores da medida.
- Etapa IV: Obtendo-se compatibilidade entre as versões, foi considerada a versão final.

A seguir, realizou-se estudo de evidências de validade de construto.

MÉTODO

Participantes

Participaram deste estudo 672 adolescentes com idades de 11 a 20 anos ($M=15,6$; $DP=1,6$), sendo 52,7% do sexo feminino. Os estudantes cursavam do sexto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio de quatro escolas públicas de Porto Alegre. Duas das escolas estavam localizadas em bairros centrais e considerados nobres e uma em uma região mais periférica. O status socioeconômico Nessas escolas pode ser considerado como predominantemente de classe média baixa à baixa. A faixa etária foi determinada com base no estudo da medida original, bem como se apoia na definição da Organização Mundial da Saúde – OMS (1965), que circunscreve o período da adolescência à segunda década da vida.

Nessa amostra 47% (317) dos adolescentes morava com ambos os pais. 25% (169) moravam só com a mãe, 4% só com o pai (28), 14% moravam com a mãe e padrasto e 6% (37) moravam com o pai e madrasta. O restante da amostra morava com outros ou não respondeu a questão.

A coleta de dados foi realizada em escolas públicas de Porto Alegre de forma coletiva na sala de aula dos adolescentes. A aplicação do instrumento se deu apenas após a entrega do termo de consentimento livre e esclarecido devidamente preenchido e assinado por um responsável (anexo A), a assinatura do termo pelo adolescente (anexo B), bem como da entrega do termo de concordância da instituição (anexo C). A medida foi respondida individualmente pelos alunos, sob a supervisão da pesquisadora e equipe.

Instrumentos

- Questionário sócio demográfico (Anexo E)
- Medida Integrada de Independência Decisória para Adolescentes (MIIDA) desenvolvida por Petegem et al., (2012) e adaptada para este estudo (Anexo F).
- Autoestima: Escala de Autoestima (Rosenberg, 1979) na sua versão adaptada para o português (Hutz & Zanon, 2011). Esta é uma medida unidimensional constituída por dez afirmações relacionadas a um conjunto de sentimentos de autoestima e auto aceitação que avalia a autoestima global. Os itens são respondidos em uma escala tipo Likert de quatro pontos variando entre concordo totalmente, concordo, discordo e discordo totalmente. O alfa de Cronbach encontrado Nessa versão é de 0,90, corroborando ao que tem sido apontado na literatura (Hutz & Zanon, 2011).
- Estilos Parentais: Escala de Responsividade e Exigência Parental (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004), elaborada com base na Escala de Responsividade e Exigência Parental (Lamborn et al., 1991; adaptada por Costa et al., 2000). Esta conta com 15 itens relativos à

exigência e 18 relativos a responsividade. Os respondentes apontam a frequência em que pai e mãe, separadamente, apresentam o comportamento descrito. São classificados os estilos paterno e materno e também o estilo combinado do casal. Os alfas de Cronbach para a escala de exigência foi de 0,77 e 0,93 para a escala de responsividade. Após este estudo, o instrumento foi refinado e resultou na escala de responsividade e exigência Parental (Teixeira, Bardagi & Gomes, 2004).

RESULTADOS

Estudo de Adaptação Transcultural da MIIDA

Foram realizadas análises de componentes principais com rotação Oblimin com os itens das escalas separadamente com o intuito de investigar a estrutura fatorial da medida. A primeira subescala, que avalia sobre quem decide, resultou em uma estrutura com duas dimensões. O KMO foi de 0,920 indicando que os dados são adequados para análise. O *scree plot* pode ser visualizado na Figura 1. O alfa de Cronbach para a dimensão 1 foi de 0,84 e para a dimensão 2 foi de 0,76.

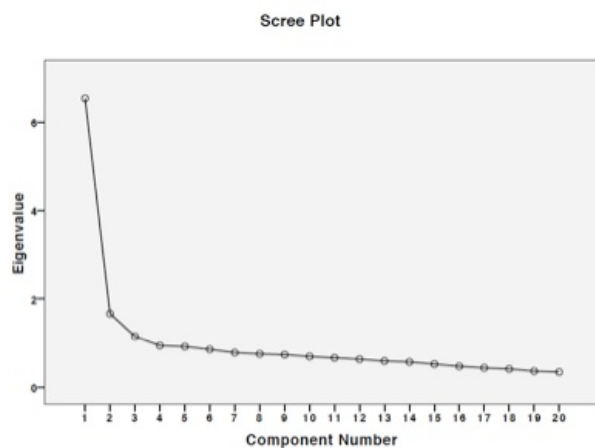


Figura 1 – Scree Plot - Quem decide

Tabela1 – Análises de Componentes Principais – Quem decide

	Componente	
	1	2
Item 1		0,59
Item 2		0,47
Item 3	0,83	
Item 4	0,47	
Item 5	0,73	
Item 6		0,59
Item 7		0,35
Item 8	0,77	
Item 9	0,44	
Item 10	0,70	
Item 11		0,76
Item 12		0,58
Item 13	0,61	
Item 14	0,53	
Item 15	0,59	
Item 16		0,66
Item 17		0,42
Item 18		0,38
Item 19	0,59	
Item 20	0,79	
Total Itens	11	9
Alfa de Cronbach	0,84	0,76

A segunda subscale do instrumento, que avalia a tomada de decisão independente, apresentou uma estrutura bi fatorial, conforme a Figura 2. O KMO foi de 0,87 e as cargas fatoriais e os alfas podem ser visualizados na Tabela 2.

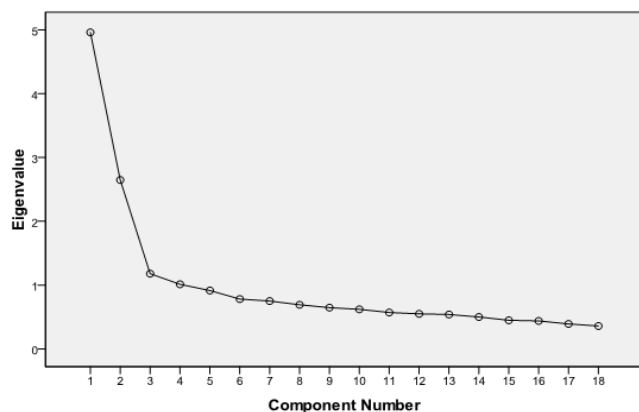


Figura 2- *Scree plot* Independência Decisória

Tabela 2- Cargas fatoriais e alfas de Cronbach dos itens de Independência Decisória

	Componente	
	1	2
Item 1		0,46
Item 2		0,53
Item 3	0,49	
Item 4	0,47	
Item 5		0,54
Item 6		0,68
Item 7	0,66	
Item 8	0,76	
Item 9		0,44
Item 10		0,61
Item 11	0,58	
Item 12		0,60
Item 13	0,69	
Item 14		0,58
Item 15		0,69
Item 16	0,47	
Item 17	0,73	
Item 18	0,75	
Total Itens	9	9
Alfa de Cronbach	0,82	0,78

A estrutura fatorial da Terceira subescala que compõe a medida, que avalia a tomada de decisão dependente, também foi bi fatorial. O KMO foi de 0,88. O *scree plot* pode ser visto na Figura 3. As cargas fatoriais e alfas podem ser consultados na Tabela 3.

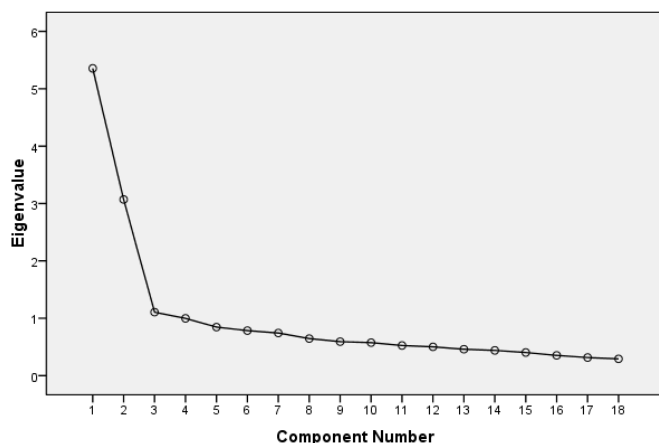


Figura 3- *Scree Plot* Dependência Decisória

Tabela 3- Cargas fatoriais e alfas de itens de Dependência Decisória

	Componente	
	1	2
Item 1	0,59	
Item 2	0,66	
Item 3		0,43
Item 4	0,50	
Item 5	0,60	
Item 6	0,72	
Item 7		0,77
Item 8		0,77
Item 9	0,49	
Item 10	0,67	
Item 11		0,46
Item 12	0,55	
Item 13		0,81
Item 14	0,70	
Item 15	0,77	
Item 16	0,48	
Item 17		0,75
Item 18		0,83
Total Itens	11	7
Alfa de Cronbach	0,85	0,84

Independência Decisória e a relação com Autoestima e Estilos Parentais

O objetivo dessa etapa foi de avaliar a validade concorrente da medida adaptada através de medidas que relacionam-se com o construto da autonomia. Nesse sentido, a autoestima proporciona uma perspectiva a nível individual, de como o adolescente está passando por este período. A percepção dos estilos parentais, por sua vez, possibilita investigar sobre como se dão as relações a nível familiar, permite uma ideia acerca de como são satisfeitas as necessidades básicas.

A análise descritiva indicou que a amostra possuiu média elevada na tomada de decisão, sugerindo maior na tomada de decisão por parte do adolescente ($M=4,0$, $DP=0,73$). Houve correlação positiva significativa entre o fato de o adolescente decidir sozinho e a independência decisória por motivo identificado ($r= 0,18$, $p<0,01$).

Foram realizadas correlações de Pearson entre as variáveis: independência decisória, dependência decisória, autoestima e estilos parentais (paterno e materno) com objetivo de verificar a validade concorrente. Com relação a variável independência decisória por motivação externa houve correlação negativa com a autoestima ($r= -0,10$, $p<0,01$) e positiva com estilo parental paterno negligente ($r=0,12$, $p<0,01$).

Na variável dependência decisória por motivação externa foi encontrada correlação negativa com a autoestima ($r= -0,13$, $p<0,01$) e na motivação identificada houve correlação positiva com responsividade ($r=0,19$, $p<0,01$) e exigência ($r=0,16$, $p<0,01$) da mãe e responsividade ($r=0,15$, $p<0,01$) e exigência ($r=0,12$, $p<0,01$) por parte do pai.

Para verificar se havia diferença entre meninos e meninas com relação à independência decisória, dependência decisória, autoestima e estilos parentais foi realizado Teste t. Não foram encontradas diferenças de sexo com relação à estilos parentais. Houve diferenças de sexo para a variável autoestima [$t=(654)=3,5$, $p<0,005$]. Os meninos ($M=29,9$; $DP=4,6$) apresentaram médias mais elevadas em autoestima que as meninas ($M=28,9$;

DP=4,5). Os grupos apresentaram diferenças de média para decisão independente [$t(637)=3,0$, $p<0,003$], sendo que meninos apresentaram médias mais elevadas ($M=2,43$; $DP=0,74$) em regulação por motivação externa do que as meninas ($M=2,25$; $DP=0,67$). Também foram encontradas diferenças de sexo na dependência decisória por motivação externa [$t(623)=2,2$, $p<0,003$], sendo que os meninos apresentaram médias mais elevadas ($M=2,4$; $DP=0,82$) do que as meninas ($M=2,2$; $DP=0,78$).

Foram realizadas quatro regressões múltiplas utilizando método *Enter* tendo como variável dependente independência decisória por motivação externa e por motivação identificada, decisão dependente por motivação externa e por motivação identificada. As variáveis independentes foram estilos parentais paternos, maternos e autoestima. O exame de multicolinearidade apresentou resultados satisfatórios. O teste de *Durbin-Watson* apresentou valor de 2,13, indicando a independência dos erros (Field, 2009). Apenas a regressão múltipla para tomada de decisão independente por motivação externa apresentou ajuste adequado, com três preditores significativos, conforme Tabela 4:

Tabela 4- Valores dos coeficientes de regressão para tomada de decisão independente por motivação externa

Variáveis no modelo	<i>Unstandardized coefficients</i>		<i>Standardized Coefficients</i>		
	B	<i>Std Error</i>	β	T	p<
Constante	2,46	0,83		2,98	,003
Autoestima	-0,017	0,01	-0,11	-2,45	0,01
Estilo parental paterno autoritário	-1,26	0,50	-0,17	-2,50	0,01
Estilo parental paterno indulgente	-1,04	0,47	-0,15	-2,23	0,03
R	0,21				
R ²	0,045				
R ² adjusted	0,027				

DISCUSSÃO

O primeiro objetivo deste estudo foi de adaptar transculturalmente a MIIDA. A medida brasileira demonstrou algumas diferenças com relação a original quanto ao número de fatores encontrados. Na primeira subescala os adolescentes indicavam sobre o que eles preferiam: decidir sozinhos, decidir com auxílio dos pais ou então seguir a orientação parental. Apesar dos autores não indicarem no seu estudo sobre uma possível distribuição dos itens em fatores, indicaram na correção do instrumento a divisão em cinco domínios: pessoal, amizades, prudência, convencional e moral. Na versão adaptada transculturalmente para o português brasileiro, obteve-se como resultado dois fatores. Estes resultaram da integração dos domínios pessoal e de amizades em um fator e da integração dos domínios prudência, convencional e moral em outro. Entretanto, esta divergência não demonstra implicar em qualquer tipo de prejuízo, já que no estudo original da medida integrada esta foi utilizada como sendo de fator único (Petegem e cols, 2012).

Com relação as subescalas que mediam a decisão independente e dependente com a consequente motivação para a decisão, obteve-se diferenças entre a medida de Petegem e colaboradores (2012) e a versão brasileira no número de fatores. Na medida integrada original foram obtidos três fatores (regulação externa, introjetada e identificada), enquanto na brasileira apenas dois (regulação externa e identificada). Apesar dessa diferença entre o número de fatores, há compatibilidade da escala brasileira com o número de fatores do instrumento original – *Self Regulation Questionnaire* (Ryan & Connel, 1989) – utilizado na medida integrada (Petegem et cols, 2012).

Na versão brasileira da MIIDA os itens de regulação introjetada dividiram-se de forma alternada e diferente nas duas sub-escalas. Observou-se que na subescala de independência decisória os itens de regulação introjetada tenderam a migrar para a regulação externa. Já na subescala de dependência decisória os itens migraram para a regulação por

motivação identificada. Na medida integrada em sua versão original, apesar de diferenciar os três domínios, foram obtidos alguns resultados que apontam na mesma direção. Foi realizada uma análise de correlações que indicaram que a motivação introjetada ocupava uma posição diferente no continuum de internalização no caso do funcionamento dependente versus independente. Análises indicaram que a correlação entre motivos identificados e introjetados foi significativamente maior no caso da tomada de decisão dependente, quando comparada com a independente. Ao contrário, a correlação entre motivos introjetados e externos foi maior no caso da tomada de decisão independente. Já as correlações entre motivos externos e identificados não obteve diferença significativa (Petegem e cols., 2012).

O resultado da medida integrada brasileira com relação a diferença para o número de domínios pode estar apontando para duas possibilidades, por um lado pode sugerir que houve dificuldade por parte dos participantes deste estudo na compreensão de itens de regulação introjetada, que envolvem maior nível de abstração. Por outro lado, pode também evidenciar uma possível deficiência destes itens. Ryan e Connell (1989) argumentaram que talvez o fenômeno da introjeção e outros níveis médios de internalização estejam sujeitos a vieses em instrumentos de autorrelato, podendo talvez mostrar-se mais claramente através de outros métodos de investigação como, por exemplo, o método clínico.

A segunda parte deste estudo verificou a relação entre a independência e dependência decisória com estilos parentais e autoestima, como indicadores de validade de construto. A hipótese era de que os adolescentes que utilizam regulação por motivação identificada na decisão independente ou dependente tenderiam a ter melhores níveis de autoestima e perceber os pais como mais responsivos e exigentes.

A independência decisória indica o funcionamento adolescente, entretanto a motivação para a tomada de decisão tanto independente quanto dependente fornece dados mais precisos sobre como o indivíduo decide e o que o impulsiona a tomar determinado tipo

de decisão. Nesse estudo foram encontradas evidências de que tanto na decisão independente quanto na dependente, quando a motivação se dá por motivos externos, há a diminuição da autoestima. Estes dados estão de acordo com outros relatos como, por exemplo, um estudo realizado com adultos jovens que indicou que indivíduos com baixa autoestima tendiam a funcionar mais por regulação externa e introjetada, enquanto aqueles com maiores níveis de autoestima tendiam a funcionar por motivação identificada e intrínseca (Kernis, Paradise, Whitaker, Wheatman & Goldman, 2000). Maiores níveis de autoestima podem refletir o senso de *self* dos indivíduos, indicando que uma percepção mais clara acerca de si mesmo levam a escolhas que refletem o que aprovam e desaprovam, bem como maior segurança acerca de seu valor pessoal (Kernis, 2005; Erol & Orth, 2011). Além disso, o tipo de relação estabelecido entre pais e filhos pode atuar como preditor de autoestima em adolescentes (Ryan, Stiller & Linch, 1994).

Com relação a diferença de autoestima entre os sexos, obteve-se que os meninos possuem maiores níveis de autoestima do que as meninas. Na literatura as comparações entre os sexos em adolescentes e adultos jovens são bastante controversas (Hutz & Zanon, 2011). Enquanto alguns estudos apontam para maiores médias entre os meninos (Kling, Hyde, Showers & Buswell, 1999, Orth, Trzesniewski & Robins, 2010; Freire & Tavares, 2011; Zanon & Hutz, 2011), outros estudos não encontram diferenças significativas (Sbicigo, Bandeira & Dell'Aglio, 2010; Erol & Orth, 2011). Uma das hipóteses é de que se trate de uma particularidade da amostra selecionada como, por exemplo, a faixa etária estudada ou até mesmo a situação sócio econômica.

A regressão indicou como preditores da independência decisória por motivação externa a baixa autoestima e a percepção do pai como autoritário e indulgente. Estes resultados estão de acordo com estudos anteriores que indicam que quando o contexto parental falha na provisão de estrutura e promoção da autonomia, pode haver maior

permissividade e negligência, gerando impactos negativos no desenvolvimento (Knee & Uysal, 2011).

Corroborando aos resultados descritos no parágrafo anterior, houve correlação positiva entre maior motivação externa na tomada de decisão independente e a percepção do pai como negligente. Nesse caso, pode se pensar em uma potencial pressão e cobrança para agir de forma independente, já que o pai não se faz presente, conforme a percepção do adolescente. Isto está de acordo com a ideia de que a simples promoção à independência não tem tanta relação com o funcionamento ótimo do adolescente, este é proporcionado quando os pais dão o suporte para que os filhos ajam conforme os próprios interesses e valores (Soenens, Vansteenkiste, Lens, Luyckx, Goossens, Beyers & Ryan, 2007). Além disso, o distanciamento de adolescentes dos pais têm sido associado a altos níveis de conflito familiar, evidenciando que o afastamento não parece fazer parte do desenvolvimento normal (Beyers et al., 2003).

Por outro lado, na tomada de decisão dependente, quando houve maior regulação por motivação identificada, houve correlação positiva com estilo parental mais responsivo e exigente, tanto para mães quanto pais. Ou seja, estabeleceu-se um tipo de relação que permitiu a satisfação das necessidades de autonomia e competência, colaborando para uma maior segurança ao seguir a orientação dos pais.

Com relação a figura materna, quanto mais autoritária, menor a tendência a utilização de regulação por motivos identificados da dependência decisória. Este achado está de acordo com o dado encontrado por Reichert e Wagner (2007) de que o estilo materno autoritário possui tendência a inibir o desenvolvimento da autonomia quando esta é entendida como capacidade de tomar decisões próprias, sem a necessidade de ajuda de pais ou responsáveis. Deci, Eghrari, Patrick e Leone (1994) obtiveram como resultado de um experimento que contextos que possibilitam a autodeterminação promovem a integração, enquanto que os que

não o fazem promovem a introjeção. Apesar deste estudo ter trabalhado com regulação externa e identificada, conjectura-se que o papel que o ambiente funcione de forma similar no processo de integração, já que a regulação externa é ainda menos autodeterminada do que a introjetada.

No que tange à diferença entre os sexos na motivação para a decisão, encontrou-se que entre os meninos houve maiores níveis de tomada de decisão motivada por regulação externa, tanto na decisão independente quanto na dependente. Pode ser que exista uma tendência mais pronunciada de que os meninos sintam-se mais pressionados por punições e/ou exigências do que as meninas. Nesse sentido, pode-se levantar como hipótese que este dado resulte de um aspecto cultural de maior exigência e expectativa dos meninos para que se comportem de maneira mais decidida. Este tipo de relacionamento estabelecido pode levar a consequências negativas, já que sabe-se que os ambientes que dão suporte a autonomia são aqueles que permitem que o indivíduo explore e desenvolva suas potencialidades no desenvolvimento da identidade (Deci & Ryan, 2000; Ryan & Deci, 2000; La Guardia, 2009).

Os resultados encontrados apontam para importantes perspectivas. Talvez a principal delas seja de que é fundamental o tipo de relação que se estabelece entre os adolescentes e seus pais. Allen, Hauser, Bell e O'Connor (1994) destacam que o estabelecimento da autonomia e da relação nas interações da família com o adolescente é uma tarefa fundamental, fortemente ligada ao desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, sendo correlacionado em seu estudo a autoestima e desenvolvimento egoico. É a partir da forma como se estabelecem os laços com a família e/ou cuidadores que o adolescente vai instrumentar-se para lidar com o mundo e reagir aos desafios. Nesse sentido, as necessidades de autonomia e relação são fundamentais e interrelacionadas.

Considerações Finais

A principal contribuição deste estudo foi a adaptação e validação de um instrumento que avalia a autonomia através da independência decisória, a partir da perspectiva da motivação para o comportamento. Por isto, a autonomia pode estar presente tanto na tomada de decisão dependente ou independente, indicando o nível de autodeterminação do comportamento. Nesse sentido, o presente estudo contribui para a discussão sobre os termos autonomia/heteronomia e independência/dependência. Além disso, aponta para a necessidade de uma base familiar sólida e apta em prover as necessidades básicas, especialmente de relação e autonomia para que o adolescente se desenvolva de maneira mais plena, aproveitando suas capacidades.

É importante considerar algumas limitações do estudo. A principal delas foi o fato da escala brasileira não discriminar os três fatores de motivação (externa, introjetada e identificada) apontados pela medida integrada original. Apesar da literatura apontar para a dificuldade na elaboração de itens de introjeção por autorrelato, talvez estes precisem ser revistos ou, até mesmo, reaplicados em adolescentes de escolas cujo ensino seja reconhecidamente mais forte, para verificar se não caracterizou-se uma deficiência na amostra. Vale ressaltar que os alfas obtidos foram bons e talvez seja necessário atentar para aspectos transculturais. Com isto, seria importante aplicar a medida em populações de diferentes estados brasileiros, bem como associar outras medidas, como, por exemplo, de bem estar subjetivo para explorar novas evidências de validade de construto.

REFERÊNCIAS

- Allen, J.P., Hauser, S.T., Bell, K.L. & O'Connor, T.G. (1994). Longitudinal assessment of autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of adolescent ego development and self-esteem. *Child Development, 65*, 179-194.
- Allen, J.P., Marsh, P., McFarland, C., McElhaney, K.B., Land, D.J., Jodl, K.M., & Peck, S. (2002). Attachment and autonomy as predictors of the development of social skills and delinquency during midadolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 70*(1), 56-66.
- Barbosa, P.V. & Wagner, A. (2013). A autonomia na adolescência: revisando conceitos , modelos e variáveis. *Estudos de Psicologia, 18*(4), 639-648.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph, 4*, 1-103.
- Baumrind, D. (1997). The discipline encounter: contemporary issues. *Aggression and Violent Behavior, 2*, 321-335.
- Beyers, W., Goossens, L., Vansant, I., & Moors, E. (2003). A structural model of autonomy in middle and late adolescence: connectedness, separation, detachment, and agency. *Jornal of Youth and Adolescence, 23* (5), 351-365.
- Birkeland, M.S., Melkevik, O., Holsen, I., & Wold, B. (2012). Trajectories of global self-esteem development during adolescence. *Journal of Adolescence, 35*, 43-54.
- Blos, P. (1996). *Transição Adolescente: questões desenvolvimentais*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Chirkov, V., Kim, Y., Ryan, R.M., & Kaplan, U. (2003). Differentiating autonomy from individualism and independence: a self-determination theory perspective on

- internalization of cultural orientations and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84 (1), 97-110.
- Costa, F.T., Teixeira, M.A.P. , & Gomes, W.B. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-473.
- Cumsille, P., Darling, N., & Martínez, M.L. (2010). Shading the truth: the patterning of adolescents' decisions to avoid issues, disclose, or lie to parents. *Journal of Adolescence*, 33, 285-296.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-493.
- Deci, E.L., Eghrari, H., Patrick, B.C. & Leone, D.R. (1994). Facilitating internalization: the self-determination theory perspective. *Journal of Personality*, 62(1), 119-142.
- Deci, E.L., & Ryan, R.M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination theory in human behavior*. New York: Plenum.
- Deci, E. L., & Ryan, R.M. (2000). The “what” and the “why” of goal pursuits: human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11, 227-268.
- Donnellan, M.B., Trzesniewski, K.H., Robins, R.W., Moffitt, T.E., & Caspi, A. (2005). Low self-esteem is related to aggression, antisocial behavior, and delinquency. *Psychological Science*, 16, 328-355.
- Dornbusch, S.M., Carlsmith, J.M., Bushwall, S.J., Ritter, P.L., Leiderman, H., Hastorf, A.H., & Gross, R.T. (1985). Single Parents, extended households, and the control of adolescents. *Child Development*, 56, 326-341.
- Dornbusch, S.M., Ritter, P.L., Mont-Reynaud, R., & Chen, Z. (1990). Family decision-making and academic performance in a diverse high school population. *Journal of Adolescence Research*, 5, 143-160.

- Erol, R.Y., & Orth, U. (2011). Self-esteem development from age 14 to 30 years: a longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, *101* (3), 607-619. doi: 10.1037/a0024299.
- Field, A. (2009). *Descobrimos a Estatística usando o SPSS*. Porto Alegre: Artmed.
- Freire, T. & Tavares, D. (2011). Influência da autoestima, da regulação emocional e do gênero no bem-estar subjetivo e psicológico de adolescentes. *Revista de Psiquiatria Clínica*, *38*(5), 184-188.
- Grolnick, W.S., & Ryan, R.M. (1989). Parent styles associated with children's self-regulation and competence in school. *Journal of Educational Psychology*, *81*(2), 143-154.
- Hasebe, Y., Nucci, L., & Nucci, M.S. (2004). Parental control of the personal domain and adolescent symptoms of psychopathology: a cross-national study in United States and Japan. *Child Development*, *75*, 815-828.
- Hutz, C.S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, *10*(1), 41-49.
- Knee, C.R. & Uysal, A. (2011). The role of autonomy in promoting healthy dyadic, familial, and parenting relationships across cultures. Chirkov, V.I., Ryan, R.M. & Sheldon, K.M. (eds.). *Human Autonomy in Cross-Cultural Context*. New York: Springer.
- Kernis, M.H. (2005). Measuring self-esteem in context: the importance of stability of self-esteem in psychological functioning. *Journal of Personality*, *73*(6), 1569-1605. doi: 10.1111/j.1467-6494.2005.00359.x.
- Kernis, M.H., Paradise, A.W., Whitaker, D.J., Wheatman, S.R. & Goldman, B.N. (2000). Master of one's psychological domain? Not likely if one's self-esteem is unstable. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *26* (10), 1297-1305. doi: 10.1177/0146167200262010

- Kling, K. C., Hyde, J. S., Showers, C. J. & Buswell, B. N. (1999). Gender differences in self-esteem: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 125, 470–500.
- La Guardia, J.G. (2009). Developing who I am: a self-determination theory approach to the establishment of healthy identities. *Educational Psychologist*, 44(2), 90-104. Doi: 10.1080/00461520902832350
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Maccoby, E.E., & Martin, A. (1983). *Socialization in the context of the family: Parent-child interaction*. New York: Wiley.
- Organização Mundial da Saúde (1965). *Problemas de la salud de la adolescencia. Informe de un comité de expertos de la O.M.S* (Informe técnico n° 308). Genebra.
- Orth, U., Trzesniewski, K.H. & Robins, R.W. (2010). Self-esteem development from young adulthood to old age: a cohort sequential longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98 (4), 645-658.
- Petegem, S.V., Beyers, W., Vansteenkiste, M., & Soenens, B. (2012). On the association between adolescent autonomy and psychosocial functioning: examining decisional independence from a self-determination theory perspective. *Developmental Psychology*, 48(1), 76-88. doi: 10.1037/a0025307.
- Reichert, C.B. & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *Psico*, 38(3), 292-299.
- Rosenberg, M. (1979). *Society and the adolescent self-image*. Revised edition. Middletown, CT: Wesleyan University Press.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton NJ: Princeton University Press.

- Ryan, R.M., & Connel, J.P. (1989). Perceived locus of causality and internalization: Examining reasons for acting in two domains. *Journal of Personality and Social Psychology, 57*, 749-761.
- Ryan, R.M., Stiller, J.D., & Lynch, J.H. (1994). Representations of relationships to teachers, parents, and friends as predictors of academic motivation and self-esteem. *Journal of Early Adolescence, 14*(2), 226-249.
- Ryan, R. M., & Deci, E.L. (2000). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American Psychologist, 55*, 68-78. doi: 10.1037/0003-066X.55.1.68.
- Ryan, R. M., & Deci, E.L. (2006). Self-regulation and the problem of human autonomy: does psychology need choice, self-determination and will? *Journal of Personality, 74* (6), 1557-1585. doi: 10.1111/j.1467-6494.2006.00420.x.
- Sbicigo, J.B., Bandeira, D.R. & Dell’Aglío, D.D. (2010). Escala de autoestima de Rosemberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF, 15* (3), 395-403.
- Smetana, J.G., Campione-Barr, N., & Daddis, C. (2004). Longitudinal development of family decision making: defining healthy behavioral autonomy for middle class African American adolescents. *Child Development, 75*, 1418-1434.
- Soenens, B., Vansteenkiste, M., Lens, W., Luyckx, K., Goossens, L., Beyers, W. & Ryan, R.M. (2007). Conceptualizing parental autonomy support: adolescent perceptions of promotion of Independence versus promotion of volitional functioning. *Developmental Psychology, 43*(3), 633-646.
- Steinberg, L. (1999). *Adolescence* (5th Ed.). Boston: McGraw-Hill, p. 276.
- Teixeira, M.A.P., Bardagi, M.P., & Gomes, W.B. (2004) Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica, 3*(1),1-12.

- Trzesniewski, K.H., Donnellan, M.B., Moffit, T.E., Robins, R.W., Poulton, R., & Caspi, A. (2006). Low self-esteem during adolescence predicts poor health, criminal behavior, and limited economy prospects during adulthood. *Developmental Psychology, 42*, 381-390.
- Vansteenkiste, M., Zhou, M.M., Lens, W., & Soenens, B. (2005). Experiences of autonomy and control among Chinese learners: vitalizing or immobilizing? *Journal of Educational Psychology, 97*, 468-493.
- White, R., & Lippitt, R. (1967). *Comportamento do líder e reação dos membros em três "climas sociais"* (D.M. Leite & M.L.M. Leite Trans.). Em D. Cartwright & A. Zander (Orgs.), *Dinâmica de Grupo: Teoria e pesquisa* (pp.657-690). São Paulo: Herder. (Original publicado em inglês, 1960).

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado teve por objetivo adaptar transculturalmente para o português brasileiro a Medida Integrada de Independência Decisória para Adolescentes (MIIDA). Para tanto foram realizados dois estudos redigidos na forma de artigos científicos: um teórico e um empírico, que foram apresentados em diferentes capítulos.

O primeiro artigo apresentou a Teoria da Autodeterminação, expondo seus conceitos principais. No início a teoria foi apresentada contextualizando sua criação e abordagem. Trata-se de uma teoria ampla da motivação e da personalidade, que entende o indivíduo como ativo e com tendência ao crescimento, desde que necessidades básicas de relação autonomia e competência sejam satisfeitas. Em seguida apresenta a importância do contexto na satisfação das necessidades e do papel da motivação na regulação do comportamento. O artigo finaliza argumentando com base em artigos científicos a importância do ambiente, que compreende as relações, na satisfação ou não das necessidades e as implicações que isto acarreta no curso do ciclo vital.

O segundo artigo é a adaptação transcultural da MIIDA para o português brasileiro. Apresenta a TAD, teoria que embasa o instrumento, mantendo o foco na necessidade de autonomia e como esta se apresenta em termos de motivação para a tomada de decisão independente ou dependente. Em seguida é apresentada a medida e relatado o processo de adaptação transcultural. Participaram do estudo 672 adolescentes alunos de escolas públicas de Porto Alegre. Através de análises fatoriais foram obtidos dois fatores na primeira subescala, que indica quem toma a decisão (adolescente, adolescente e pais e adolescente) foram encontrados dois fatores. Na subescala de independência decisória análises fatoriais

apontaram dois fatores, sendo que o mesmo ocorreu na subescala de dependência decisória. Os resultados indicaram que o instrumento apresenta boas propriedades psicométricas, com evidências de validade e fidedignidade, quando foram comparados aos resultados de percepção dos estilos parentais e autoestima.

Esta dissertação de mestrado buscou sanar uma lacuna existente nos instrumentos de avaliação psicológica para autonomia adequados para a realidade brasileira. Além disso, propõe uma visão baseada na motivação, como comportamento autodeterminado e funcionamento auto-endossado e volitivo, diferente da autonomia em termos de independência, que implicaria o sentido de separação. Nesse sentido a tomada de decisão independente ou dependente podem ser autônomas quando estão de acordo com os desejos e valores dos adolescentes.

Apesar disso, compreende-se que ainda há muito a se construir na avaliação do funcionamento autônomo no contexto brasileiro. É fundamental o aperfeiçoamento do instrumento à realidade brasileira, através de estudos com uma amostra mais abrangente e representativa do país. Além disso, faz-se importante a discussão mais acerca da definição do termo autonomia, já que ainda há uma grande variedade de definições.

ANEXOS

Anexo A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezados Pais ou Responsáveis,

Através do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS estamos realizando um estudo sobre o desenvolvimento de adolescentes na cidade de Porto Alegre. Estamos interessados em entender sobre questões como aquisição da autonomia, autoestima e relacionamento com a família sob o ponto de vista dos adolescentes. Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela psicóloga Daniela Bergesch D’Incao, mestranda da pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da UFRGS. Seu filho será convidado a responder um questionário na própria sala de aula por alguns minutos, caso se sinta a vontade de fazê-lo. Os questionários não serão identificados, garantindo o sigilo das respostas, assim como não terão qualquer influência na sua avaliação escolar.

Para que seu filho possa colaborar com esta pesquisa é indispensável a sua autorização. Temos a preocupação de deixá-los informados a obter seu consentimento, além de cumprir com os procedimentos éticos relacionados à pesquisas pelo Conselho Nacional de Saúde e pelo Comitê de Ética desta universidade.

A participação no estudo é voluntária e pode ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum dano ao participante. Diante de qualquer dúvida você poderá solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo. Quem tiver interesse poderá receber uma devolução dos resultados, de forma individual, sem qualquer custo, em horário a ser combinado. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de pesquisa e serão mantidos pelo menos por cinco anos na sala 101 do Instituto de Psicologia na Rua Ramiro Barcelos, 2600. Após este período serão destruídos.

Agradecemos a sua atenção e colaboração para a realização deste trabalho e colocamos à disposição, caso você tenha dúvidas, ou gostaria de maiores esclarecimentos. Você pode entrar em contato com Daniela Bergesch D’Incao ou com o pesquisador orientador Prof. Dr. Cláudio Simon Hutz pelo telefone 91165015, ou por e-mail dbdincao@gmail.com. O endereço do Comitê de Ética em Pesquisa que avaliou este projeto é Rua Ramiro Barcelos, 2600. O telefone para contato é 33085066 (seg. à sexta, das 8h às 14h) e o e-mail é cep-psico@ufrgs.br.

Nome completo do aluno: _____

Nome completo do responsável: _____

Assinatura do responsável: _____

Assinatura da pesquisadora: _____ Data: _____

Anexo B

Termo de Assentimento do Adolescente

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Validação de uma Escala de Independência Decisória para Adolescentes: Autonomia e a relação com Autoestima e Estilos Parentais” e seus pais permitiram que você participe.

Estamos interessados em saber como você decide sobre algumas questões da sua vida. Os adolescentes que irão participar dessa pesquisa têm de 13 a 18 anos de idade. A participação nesta pesquisa não é obrigatória, portanto você pode ficar a vontade se não quiser participar. Isto é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

Esta pesquisa será realizada em escolas públicas e particulares onde os adolescentes estudam, na capital e interior do Rio Grande do Sul. Para isso, será utilizado um questionário. Este questionário é considerado seguro e possibilitará auxiliar a entender como os adolescentes do nosso estado decidem sobre as mais variadas questões e como se sentem a respeito destas decisões. Apesar de ser bastante seguro, pode ser que você se sinta desconfortável com alguma questão do material a responder. Caso isto aconteça, você pode nos procurar pelo telefone (51) 91165015, da pesquisadora Daniela Bergesch D’Incao.

A participação na pesquisa é sigilosa e nenhum dado assinalado por você será divulgado. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar os adolescentes que participaram da pesquisa. Quando terminarmos, divulgaremos os resultados em revistas de psicologia especializadas. Se você tiver alguma dúvida, pode perguntar neste momento ou então por telefone.

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Validação de uma Escala de Independência Decisória para Adolescentes: Autonomia e a relação com Autoestima e Estilos Parentais”, que tem o objetivo de entender como os adolescentes decidem sobre algumas questões. Entendi os riscos e benefícios da pesquisa e que minha participação é voluntária e posso desistir a qualquer momento. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Adolescente

Assinatura do Pesquisador

Anexo C

Termo de Concordância da Instituição

Estamos realizando um grande estudo sobre o desenvolvimento de adolescentes na cidade de Porto Alegre. Procuramos entender sobre a aquisição da autonomia, autoestima e relacionamento com pais sob o ponto de vista do próprio adolescente. Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela psicóloga Daniela Bergesch D'Incao, mestranda da pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da UFRGS.

Neste estudo, serão utilizadas três escalas, que serão aplicados em sala de aula, ou em qualquer outro local adequado dentro da escola. A aplicação dos instrumentos terá a duração aproximada de 30 min. Os alunos serão informados de forma clara de que só participarão deste estudo se quiserem e que poderão se retirar deste a qualquer momento se assim o desejarem ou se for necessário.

Será observado o caráter confidencial das informações obtidas nesta pesquisa. Quando da publicação e divulgação de seus resultados, os seus participantes não serão identificados. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de pesquisa e serão mantidos por pelo menos cinco anos na sala 101 do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600.

O pesquisador responsável por este projeto é o Prof. Dr. Cláudio Simon Hutz, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos, 2600 – sala 101, Porto Alegre – RS. Contatos para maiores esclarecimentos acerca desta pesquisa podem ser feitos pelo telefone 91165015, com Daniela Bergesch D'Incao (mestranda) ou pelo e-mail: dbdincao@gmail.com. O endereço do Comitê de Ética em Pesquisa que avaliou este projeto é Rua Ramiro Barcelos, 2600. O telefone para contato é 33085066 (seg. à sexta, das 8h às 14h) e o e-mail é cep-psico@ufrgs.br.

Pela presente autorização declaro que fui informado (a) dos procedimentos e objetivos desta pesquisa, bem como da liberdade de retirar minha autorização a qualquer momento, sem penalização ou prejuízo algum.

Autorizo a realização desta pesquisa nesta escola.

Instituição: _____

Endereço: _____ Telefone: _____

Nome do(a) diretor(a) _____ RG: _____

Assinatura: _____

Assinatura da doutoranda: _____

Data: _____

Anexo D

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Validação de uma Escala de Independência Decisória para Adolescentes: Autonomia e a Relação com Autoestima e Estilos Parentais

Pesquisador: Claudio Simon Hutz

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 30231913.9.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 714.836

Data da Relatoria: 07/07/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo que visa a adaptação e validação de um instrumento que avalia a independência decisória de adolescentes. Buscará igualmente avaliar se há relação entre a autonomia, medida através da independência decisória, com a autoestima, responsividade e exigência. A presente pesquisa será composta por dois estudos, a fim de validar a escala de independência decisória para adolescentes. O primeiro estudo tem como

objetivo adaptação e validação da escala de Independência Decisória para Adolescentes de Petegem, Beyers, Vansteenkiste & Soenens (2012) para o português brasileiro. O estudo dois visa investigar a possível relação entre independência decisória, autoestima e estilos parentais em adolescentes da cidade de Porto Alegre. Além disso, vai explorar as diferenças entre os grupos (sexo, idade e composição familiar) quanto à independência e dependência decisória, autoestima e estilos parentais parentais. Participarão deste estudo 600 adolescentes de ambos os sexos com idades entre 13 a 18 anos, que estejam cursando do oitavo ano até o terceiro anos do segundo médio de escolas privadas de Porto Alegre. Foram escolhidas escolas privadas pois o público alvo da escala são adolescentes de classe média e média-alta. A coleta de dados se dará em escolas da região de

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (513)308-5698

Fax: (513)308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS**



Continuação do Parecer: 714.836

Porto Alegre de forma coletiva em sala de aula.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Conforme mostra a literatura, estudos realizados em diversos países apontam que a independência decisória tem-se mostrado como um bom indicador do quão autônomo o adolescente é com relação à sua família. Sendo assim, a hipótese é de que o instrumento informe de maneira fidedigna o quanto os adolescentes da amostra estudada decidem, se de forma dependente e independente, acerca de suas questões.

Objetivo Secundário:

O objetivo secundário deste estudo seria o de verificar a relação da independência decisória do adolescente com seus níveis de autoestima e de exigência e responsividade parental percebidos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Mesmo que com remota probabilidade, pode haver algum risco de mal estar psíquico em função de alguma temática abordada nos instrumentos.

Benefícios:

O benefício se dá com a adaptação de um instrumento útil no sentido de avaliar a independência decisória em adolescentes, o que é apontado por diversos autores como sendo uma das principais tarefas desta etapa do desenvolvimento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem fundamentada teórica e metodologicamente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os Termos foram apresentados e estão adequadamente redigidos.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências foram solucionadas. Não há mais pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)308-5698

Fax: (51)308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS



Continuação do Parecer: 714.836

Considerações Finais a critério do CEP:

PORTO ALEGRE, 10 de Julho de 2014

Assinado por:
Clarissa Marcell Trentini
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (513)308--5698 **Fax:** (513)308--5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

Anexo E

N°: _____

01. Sexo: () Masculino () Feminino

02. Idade: _____ anos

03. Onde você mora? Cidade: _____

Bairro: _____

04. Que ano você está cursando?

- () 6° ano do ensino fundamental
 () 7° ano do Ensino Fundamental
 () 8° ano do Ensino Fundamental
 () 9° ano do Ensino Fundamental
 () 1° ano do Ensino Médio
 () 2° ano do Ensino Médio
 () 3° ano do Ensino Médio

05. Quantos irmãos (as) você tem?

- () Nenhum () 1 () 2 () 3 () 4 ou mais

06. Quantas pessoas moram na sua casa, além de você? _____

Quem são estas pessoas?

- | | |
|-----------------------|------------------|
| () Pai | Idade: _____ |
| () Mãe | Idade: _____ |
| () Padrasto/Madrasta | Idade: _____ |
| () Irmão(s) | Idade (s): _____ |
| () Outro (s): _____ | Idade (s): _____ |

07. Quem é responsável pelas decisões sobre você? (Pode marcar mais de uma opção)

- () Pai () Mãe () Padrasto () Madrasta () Outro: _____

08. Qual a situação conjugal dos seus pais?

Mãe

- () casada com meu pai
 () Solteira/separada/viúva (sem relacionamento)
 () Recasada ou morando junto (não com o meu pai)

Pai

- () casado com minha mãe
 () Solteiro/separado/viúvo
 () Recasado ou morando junto (não com a minha mãe)

09. Qual a escolaridade dos seus pais (responsáveis)?

Mãe

- () Ensino fundamental incompleto
 () Ensino fundamental completo
 () Ensino médio incompleto
 () Ensino médio completo
 () Ensino superior incompleto
 () Ensino superior completo
 () Pós-Graduação incompleta
 () Pós-Graduação completa

Pai

- () Ensino fundamental incompleto
 () Ensino fundamental completo
 () Ensino médio incompleto
 () Ensino médio completo
 () Ensino superior incompleto
 () Ensino superior completo
 () Pós-Graduação incompleta
 () Pós-Graduação completa

10. Qual a profissão/ocupação atual dos seus pais?**Mãe ou responsável:**Trabalha fora? Sim Não

Profissão/ocupação: _____

Pai ou responsável:Trabalha fora? Sim Não

Profissão/ocupação: _____

11. Você recebe algum tipo de mesada/auxílio financeiro? Não Sim

De quem? _____

12. Você realiza alguma atividade extraclasses (ex: esporte, curso de idiomas)? Sim Não

Qual? _____

13. Você já estudou em outra(s) escola(s)? Sim Não Se sim,
quantas? _____**14. Você já morou em outra(s) cidade(s)?** Sim Não Se sim,
quantas? _____**15. Dos seus amigos, quantos você considera como melhores amigos?** _____**16. Você já trabalhou/trabalha ou realizou/realiza alguma atividade remunerada?** Nunca Não, mas já trabalhei Sim, de vez em quando Sim Sim, e ainda trabalho**17. O que você entende por AUTONOMIA?**_____
_____**18. Como seus pais ou responsáveis influenciam nas suas tomadas de decisão?**_____
_____**19. O que é necessário para se atingir a independência pessoal?**_____
_____**20. Como você descreveria a sua relação com seus pais (ou responsáveis)?**_____

Anexo F

PARTE 1 – QUEM DECIDE?

Quem decide a respeito das seguintes questões? Por favor, avalie cada tópico (mesmo que se trate de algo que você jamais faria), indicando a resposta que melhor se aplica usando a escala a seguir. Se você nunca conversou com seus pais a respeito de certas questões (por exemplo, fumar: você não fuma, não pretende fumar e nunca conversou com seus pais a respeito disto), neste caso imagine quem decidiria sobre o assunto (neste caso, fumar ou não).

1	2	3	4	5
Meus pais	Meus pais, após me consultar	Eu e meus pais juntos	Eu decido, depois de consultar meus pais	Eu mesmo

Quem decide...

1.	...sobre dormir tarde nos finais de semana	1	2	3	4	5
2.	...sobre quem são meus amigos	1	2	3	4	5
3.	...sobre fumar cigarros	1	2	3	4	5
4.	...sobre tarefas que devo cumprir	1	2	3	4	5
5.	...se eu posso bater em outras pessoas	1	2	3	4	5
6.	...sobre que roupas usar	1	2	3	4	5
7.	...se eu posso sair com amigos que meus pais não gostam	1	2	3	4	5
8.	...se eu posso beber bebidas alcoólicas (Cervejas, drinques, etc.)	1	2	3	4	5
9.	...sobre como falar com meus pais	1	2	3	4	5
10.	...se eu posso mentir para os outros	1	2	3	4	5
11.	...sobre como utilizo meu tempo livre	1	2	3	4	5
12.	...sobre quanto tempo posso passar com meus amigos	1	2	3	4	5
13.	...se eu posso fazer sexo	1	2	3	4	5
14.	...sobre como devo me comportar	1	2	3	4	5
15.	...sobre manter minha palavra (ex: ser desonesto)	1	2	3	4	5
16.	...sobre como gastar o dinheiro que meus pais me dão	1	2	3	4	5
17.	...sobre namorar e quem posso namorar	1	2	3	4	5
18.	...se posso comer <i>junk food</i> (comida não saudável)	1	2	3	4	5
19.	...sobre que tipo de linguagem devo usar (por exemplo, falar palavrões)	1	2	3	4	5
20.	...se posso danificar as coisas dos outros	1	2	3	4	5

PARTE 2 – RAZÕES PARA DECIDIR **SOZINHO (A)**

IMPORTANTE: Antes de completar o próximo questionário, pedimos que você o questionário anterior (PARTE 1), e selecione os três itens com os escores **mais altos** (se forem mais de três itens nesta situação, você pode escolher três destes) escrevendo-os abaixo.

FRASE 1: _____

FRASE 2: _____

FRASE 3: _____

Estas são as questões as quais **você prefere decidir sozinho**, mas (às vezes) com seus pais. Abaixo estão várias razões pelas quais você prefira decidir sozinho sobre estes assuntos. Por favor, avalie estas razões usando a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Completamente falso	Falso	Algumas vezes verdadeiro e outras falso	Verdadeiro	Completamente verdadeiro

Eu prefiro decidir independentemente sobre estas questões porque...

1.	...isso é absolutamente necessário para que eu me sinta orgulhoso de mim mesmo	1	2	3	4	5
2.	...tem um significado especial para mim	1	2	3	4	5
3.	...os outros ou as circunstâncias esperam isso de mim	1	2	3	4	5
4.	...eu me sentiria culpado se não fizesse	1	2	3	4	5
5.	...é uma escolha que faço por mim	1	2	3	4	5
6.	...é importante para mim	1	2	3	4	5
7.	...outros ou as circunstâncias me pressionam para isso	1	2	3	4	5
8.	...do contrário os outros iriam gostar menos de mim	1	2	3	4	5
9.	...eu devo isso a mim mesmo	1	2	3	4	5
10.	...eu pessoalmente penso assim	1	2	3	4	5
11.	...eu ficaria envergonhado de mim mesmo	1	2	3	4	5
12.	...isso está de acordo com meus valores pessoais	1	2	3	4	5
13.	...sou forçado por outros ou pelas circunstâncias	1	2	3	4	5
14.	...é absolutamente necessário para que eu me sinta bem comigo mesmo	1	2	3	4	5
15.	...eu entendo completamente porque é significativo para mim	1	2	3	4	5
16.	...do contrário eu me sentiria mal comigo mesmo	1	2	3	4	5
17.	...do contrário eu seria criticado pelos outros	1	2	3	4	5
18.	...outros ou as circunstâncias me obrigam	1	2	3	4	5

PARTE 3 – RAZÕES PELAS QUAIS SEUS PAIS DEVEM DECIDIR

Agora solicitamos que você olhe novamente a **PARTE 1**, porém desta vez você deve selecionar os três itens com os escores mais **baixos** (se existem mais de três itens com o escore mais baixo, escolha três dentre estes). Por favor, escreva estes três nos argumentos 1, 2 e 3 abaixo.

FRASE 1: _____

FRASE 2: _____

FRASE 3: _____

Estes são as três questões as quais os seus pais devem decidir. Abaixo estão listadas várias razões pelas quais você pode depender dos seus pais para decidir. Por favor, avalie estes motivos utilizando a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Completamente Falso	Falso	Algumas vezes verdadeiro, algumas vezes falso	Verdadeiro	Completamente Verdadeiro

Eu prefiro seguir a decisão dos meus pais sobre estas questões por que...

1.	...é absolutamente necessário para que eu me sinta orgulhoso de mim mesmo	1	2	3	4	5
2.	...tem um significado especial para mim	1	2	3	4	5
3.	...os outros ou as circunstancias esperam isso de mim	1	2	3	4	5
4.	...eu me sentiria culpado se não fizesse	1	2	3	4	5
5.	...é uma escolha que faço por mim	1	2	3	4	5
6.	...é importante para mim	1	2	3	4	5
7.	...outros ou as circunstancias me pressionam para isso	1	2	3	4	5
8.	...do contrário os outros iriam gostar menos de mim	1	2	3	4	5
9.	...eu devo isso a mim mesmo	1	2	3	4	5
10.	...eu pessoalmente penso assim	1	2	3	4	5
11.	...eu ficaria envergonhado de mim mesmo	1	2	3	4	5
12.	...isso está de acordo com meus valores pessoais	1	2	3	4	5
13.	...sou forçado por outros ou pelas circunstâncias	1	2	3	4	5
14.	...é absolutamente necessário para que eu me sinta bem comigo mesmo	1	2	3	4	5
15.	...eu entendo completamente porque é significativo para mim	1	2	3	4	5
16.	...do contrário eu me sentiria mal comigo mesmo	1	2	3	4	5
17.	...do contrário eu seria criticado pelos outros	1	2	3	4	5
18.	...outros ou as circunstancias me obrigam	1	2	3	4	5